

**PADRE CÍCERO
SEGUNDO
MESTRE ATHAYDE**

Jota Alcides

**PADRE CÍCERO
SEGUNDO
MESTRE ATHAYDE**

Jota Alcides

Fatorama
Brasília-DF
1996

Copyright by Jota Alcides 1996
Capa-ilustração: Júnior

Alcides, Jota. Padre Cícero segundo Mestre
Athayde. Brasília, Fatorama, 1996

Uma análise da vida e obra do Padre Cícero,
fenômeno de massa no Nordeste brasileiro, com
depoimento inédito do presidente da Academia
Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde,
jornalista, advogado e escritor.

Todos os direitos reservados ao autor

Fatorama
Brasília-DF
1996

SUMÁRIO

Apresentação

Prefácio

1. JUÁZEIRO DO CARIRI E
MASSAS MESSIÂNICAS
2. O PATRIARCA DOS SERTÕES
E O PATRIARCA DAS LETRAS
3. PADRE CÍCERO VISTO
POR MESTRE ATHAYDE

Conclusão

Bibliografia

“Confio a Deus e à Santíssima Virgem das Dores, que tomem por sua conta e me dêem o Céu, que por causa deles sofro tão grande perseguição. É grandiosíssima calúnia dizer que tenho revoltas contra a Igreja. Eu nunca tive dúvidas sobre a fé católica, nunca disse, nem em cartas particulares, nem jornais, nem qualquer escrito, nenhuma proposição falsa, nem herética, nem duvidosa, nem coisa alguma contra o ensino da Igreja. E eu não tenho o que fazer, senão sofrer e suportar o mar de mentiras, injúrias e calúnias, somente contentando-me, como eu disse ao Santo Padre, Leão XIII, que, de consciência, como a Deus, lhe afirmava que contra mim se tinham calúnias e injúrias, pois que nunca pratiquei e nem fiz coisa alguma de irregular e nem criminosa, nem contra a Lei de Deus e da Igreja na minha vida, máxime depois de padre. Como estou certo de que vamos todos para a eternidade e lá serão recompensados os que sofrem as injustiças do mundo, eu, já velho como estou, me conformo e não me incomodo mais com as injustiças do mundo”.(1)

PADRE CÍCERO
Juazeiro-CE – 1914

“Padre Cícero não foi heresiarca. Heresiarca é aquele que, dentro de uma doutrina, assume uma opinião diversa da ortodoxa. O Padre Cícero, não. Ele era romano, acreditava em tudo aquilo que está nos Evangelhos, naquilo que foi a missão de Cristo. Também fazia parte do seu espírito acreditar que um sacerdote tem a desempenhar um papel que não deve se limitar apenas à igreja, mas também exercer a função social. Então ele fazia isso e atraía o povo. O meu padim Padre Cícero, considero ainda hoje, foi santificado pelo povo, porque quem santifica, quem traz o santo aos altares, são os milagres que ele pratica e ainda a aceitação geral da comunidade em que ele vive. O Padre Cícero não desapareceu. Ao contrário, em Juazeiro do Norte, milhões e milhões de pessoas em anos diversos lá se encontram com a mesma fé a mesma devoção”.

AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE
Brasília-DF – 1993

APRESENTAÇÃO

Conheci o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, no Rio de Janeiro, em agosto de 1981, quando tomou posse na Casa de Machado de Assis o ex-ministro da Educação e Cultura, Eduardo Portella. Convidado, compareci para prestigiar o novo acadêmico, professor e amigo, do qual tinha sido assessor de imprensa no MEC da abertura democrática no Brasil.

Foi um contato rápido, mas suficiente para, como jornalista, reverenciá-lo em respeito e admiração por sua vasta e sólida cultura, por sua notável personalidade intelectual e por sua reconhecida dedicação e devoção ao jornalismo. Ao final de 1989, então como Editor-Chefe do Correio Braziliense, voltei a encontrá-lo, já com seus 91 anos de existência, mas exibindo vitalidade, vivacidade e irreverência.

Desde então e até 1993, tive oportunidade de vários encontros com o mestre Athayde, sob a chancela do presidente dos Diários Associados, jornalista Paulo Cabral de Araujo. Presidente do Jornal do Comércio, do Rio, o presidente da ABL tinha frequentes compromissos em Brasília, quase sempre de natureza profissional, como presidente do conselho de curadores da Fundação Assis Chateaubriand.

Confesso que pouco conhecia, até então, da vida e da obra do grande escritor e jornalista brasileiro Austregésilo de Athayde. Sabia, como síntese, que era um pernambucano que havia deixado o Nordeste e que tinha conquistado o sucesso nas letras e no jornalismo no Rio, que tinha ajudado Chateaubriand na fundação dos Diários Associados, que tinha assinado a Declaração Universal dos Direitos do Homem e que se eternizava na presidência da Academia Brasileira de Letras.

De sua obra tinha lido alguma coisa durante os anos 70 na Faculdade de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Sabia de um seu romance produzido em 1921 com o sugestivo título “Quando as hortências florescem” e conhecia o seu ensaio “Fora da Imprensa”, lançado em 1948, pela editora O Cruzeiro.

Guardava lembrança desse ensaio porque dele havia selecionado ensinamentos do mestre Athayde, tão cheios de convicção e vibração em defesa e glorificação do jornalismo, que resolvi armazená-los carinhosamente, como fonte permanente de consulta e inspiração, junto aos ideais motivadores e animadores dessa profissão que também abracei com entusiasmo: ...

“Nenhuma outra forma de atividade intelectual é mais complexa que a imprensa. A imprensa é obra dos jornalistas, desses espíritos profissionalmente voltados para os conhecimentos, que têm o dever de anunciar, de submeter a exame nas suas causas e repercussões, nos efeitos que produzem sobre os contemporâneos e no que valem para melhor inteligência da vida e no desenvolvimento das forças que conduzem as sociedades. Nenhuma outra se lhe compara pela vastidão, influência sobre os espíritos e nenhuma, malgrado o seu caráter aparentemente efêmero, tem tanta força na determinação das diretrizes do futuro”.(2)

Em 1990, ao fazer o lançamento de “Padre Cícero - O poder de comunicação”, prefaciado pelo escritor e acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, reservei-lhe, timidamente, uma orelha do meu primeiro livro. Fui pronta e gentilmente atendido. Seu texto assinala que o Padre Cícero Romão Batista “não foi canonizado, como muitas centenas o foram, mas a fé popular lhe assegura todos os privilégios da santidade”.

Nos anos seguintes, em conversas despreziosas de fortuítos encontros com o veterano acadêmico, em Brasília, fui

sendo surpreendido por semelhanças de circunstâncias especiais marcantes para a adolescência dele e para a minha. Nascido em Pernambuco, foi levado criança para o Ceará onde, aos 12 anos, iniciou estudos religiosos ficando internado por cinco anos com os padres lazaristas; Nascido no Ceará, fui levado aos 12 anos para Pernambuco, onde fiz estudos religiosos por cinco anos com os padres salesianos.

Como ele, tive, igualmente, durante os seis anos de internato, quatro deles com estudos de Filosofia, Teologia, Grego e Latim. E exatamente como ele, aos 18 anos decidi não seguir a carreira religiosa, como era sonho dos pais, para começar profissionalmente no jornalismo. Como ele, por opção pessoal e vocação assumida.’

Diante de uma diferença temporal de 50 anos de existência humana entre um e outro, honravam-me essas semelhanças circunstanciais de vida, mesmo na distante adolescência. Elas aguçaram, tremendamente, minha curiosidade pessoal em torno da figura quase mística do grande escritor, personalidade extraordinariamente notável na vida literária e cultural do Brasil neste século.

Foi assim que em 1993, poucos meses antes de sua morte, tive o prazer de um demorado e reservado encontro, em Brasília, com o presidente da ABL, escritor, jornalista, conferencista, romancista, ensaísta, contista e poeta Austregésilo de Athayde, verdadeira instituição e referência da inteligência brasileira.

Durante quase três horas falou-me ele sobre um assunto que aceitou abordar até com satisfação por trazer-lhe reminiscências do seu tempo adolescente no Seminário da Prainha em Fortaleza: O Padre Cícero e o messianismo no Brasil, dentro de um contexto de influência dos mitos nas expressões e manifestações de massas populares.

Aqui está o resultado neste “Padre Cícero, segundo mestre Athayde”. Com vivacidade intelectual e acuidade filosófica, o mestre Athayde faz sincera avaliação da vida e da obra do Padre Cícero. Considera que o religioso carismático e polêmico da história da Igreja Católica no Brasil, transformado em verdadeiro mito nos sertões do Nordeste, foi santificado pelo povo.

Discorda do escritor de “Os Sertões”, Euclides da Cunha, que, em 1901, definiu Padre Cícero como heresiarca, mas argumenta que o fundador do Juazeiro do Norte, hoje um dos maiores centros de religiosidade popular do Brasil, fez da Igreja um instrumento de ação política e, assim, tornou-se uma das influentes lideranças do Nordeste.

Em sua análise, não pesa o fato de que o Padre Cícero passou a ser político militante depois que se viu impedido do exercício do sacerdócio, suspenso de ordens por causa de controvertido milagre na sua igreja do Juazeiro, não assimilado nem pelo Bispado do Ceará nem pelo Vaticano.

Athayde também rejeita a tese do escritor Lourenço Filho que, em seu premiado livro “Juazeiro do Padre Cícero”, lançado em 1926, vinculou o fenômeno ao espírito rude dos sertanejos, que seriam facilmente levados ao “ardor fanático ou delírio paranóico”. Para Athayde, o misticismo e o messianismo surgem e se propagam independentemente de nível cultural porque fazem parte da natureza humana.

Padre Cícero é visto, assim, acadêmica e teoricamente, mas também sociológica e historicamente. Ou seja, os fatores criativos e interativos que moldam e expõem sua personalidade diante dos sertanejos não são isolados dos fatores sociais e históricos do ambiente e da época em que exerceu sua liderança e construiu sua obra.

Pela importância intelectual do analista e pela relevância histórica do analisado, o depoimento inédito ganha aqui e agora, literalmente reproduzido, perenidade neste livro e, certamente, significará mais uma contribuição ao debate e ao entendimento do fenômeno sócio-religioso do Juazeiro e das crescentes romarias no Nordeste.

Como dado inspirador desta iniciativa, lembro que o seminário de Fortaleza onde Austregésilo de Athayde esteve internado foi o mesmo onde o Padre Cícero estudou e se ordenou. Foi lá que o futuro escritor e jornalista, saudado por intelectuais brasileiros como Patriarca das Letras, conheceu aquele que seria o futuro taumaturgo do Cariri, cultuado por milhares de nordestinos como Patriarca dos Sertões.

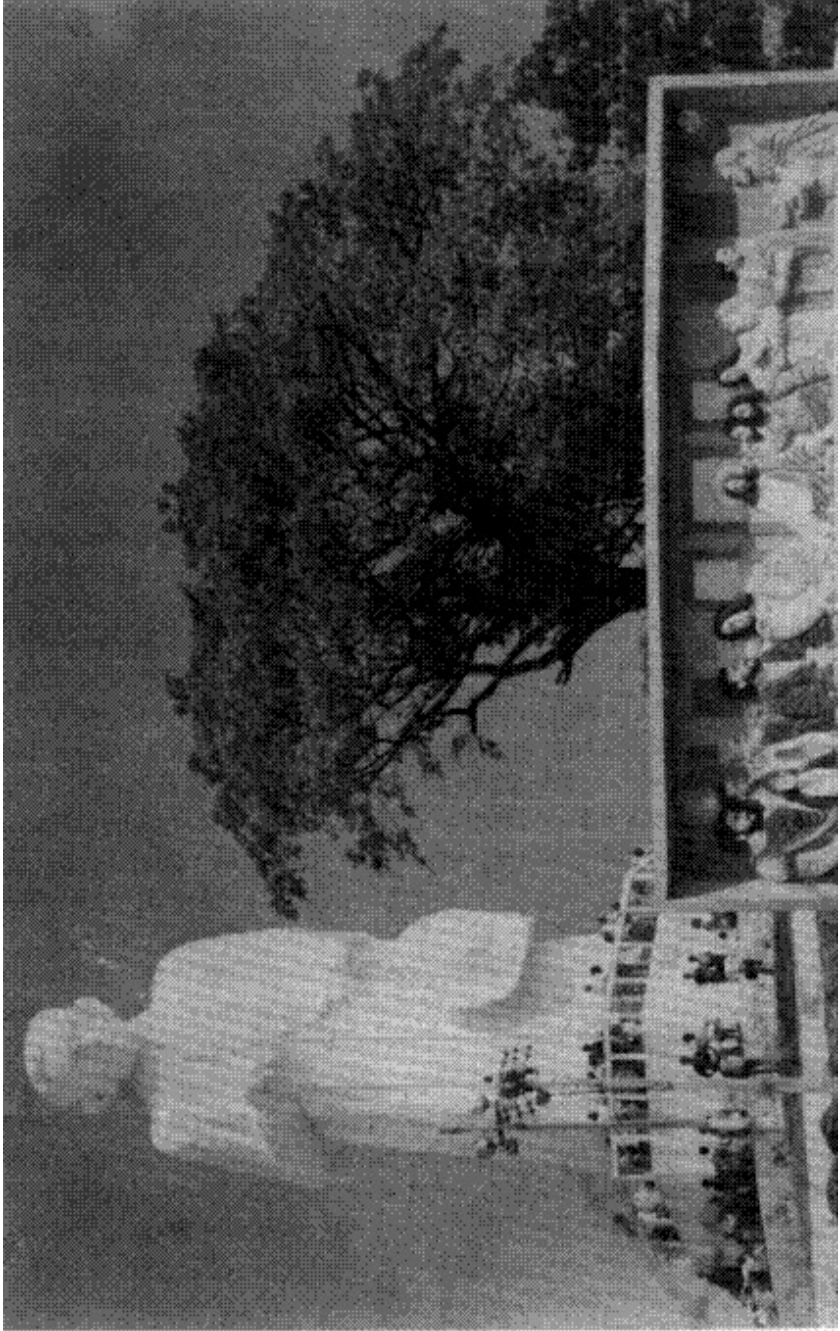
Devo registrar, também, que somente depois da morte de Athayde, em setembro de 1993, verificando documentos e arquivos publicados sobre a história cearense, constatei que o pai dele, Feliciano Athayde, como Juiz de Direito em Fortaleza, entre 1920 e 1925, foi grande amigo do Padre Cícero, então prefeito do Juazeiro e com forte prestígio político em todo o Nordeste.

Finalmente, meu agradecimento ao jornalista, chefe e amigo Paulo Cabral de Araújo, presidente dos Diários Associados, do Correio Braziliense e da Associação Nacional de Jornais (ANJ), pelo prefácio. Sua apreciação valoriza significativamente este trabalho sobre o fenômeno de liderança política, social e religiosa do Padre Cícero.

Com mais de meio século de sua vida dedicado aos Diários Associados e tendo assumido, em 1980, a responsabilidade de continuar a obra de Assis Chateaubriand, Paulo Cabral foi companheiro de intensa e privilegiada convivência, durante mais de 37 anos, do jornalista e escritor Athayde, o mestre acadêmico que deixou as valiosas interpretações aqui reunidas. Certamente,

elas servirão de apoio para esclarecer contradições de percepção e julgamento da personalidade carismática e polêmica Padre Cícero, uma lenda na história do Nordeste.

Jota Alcides
Brasília, abril de 1996



PREFÁCIO

Quando se fala em religiosidade popular no Brasil e sobretudo em suas mais expressivas manifestações que se registram no Nordeste, intérpretes menos familiarizados com valores espirituais logo radicalizam classificando mitos e crenças de origem popular como resultados da ignorância, da superstição e do fanatismo. Esquecem que o progresso econômico e cultural de sociedades mais desenvolvidas está sendo acompanhado de crescente proliferação de seitas, religiões e múltiplas credências.

Desde tempos remotos, muito antes mesmo do cristianismo, o exercício religioso, com práticas espirituais espontâneas ou estimuladas, independe de dogmas e enunciados lógicos e pragmáticos formulados em laboratórios intelectualizados porque ritos, mitos e crenças fazem parte da natureza humana. Eles apenas se acentuam em circunstâncias graves que ampliam a busca de verdades e soluções salvadoras.

Marcados, registrados, conhecidos e reconhecidos pela resistência aos martírios impostos por frequentes flagelos das secas, que se repetem ao longo dos séculos, desde o Brasil descoberto, os nordestinos têm, entre suas características básicas, um profundo e comovente sentimento de fé cristã. Parodiando Euclides da Cunha, os nordestinos são, antes de tudo, um povo de fé.

Dela se valem como meio de conforto e esperança para suportar e enfrentar as ameaças, as agressões e as angústias a que são submetidos numa “terra martirizada”, assim definido o Ceará, em 1958, pelo arcebispo de Fortaleza, dom Antonio de Almeida Lustosa. Com sua visão teológica, ele escreveu significativa obra de conteúdo sociológico sobre o comportamento dos sertanejos diante das calamidades cíclicas que abalam o Nordeste.

Conforme dom Lustosa, venerando arcebispo de extraordinária cultura, excepcionais virtudes e admirável espiritualidade, essas calamidades em consequência de secas periódicas e devastadoras, têm proporcionado uma educação austera e contribuído, expressivamente, para o vigor da fé no coração dos nordestinos em geral e dos cearenses em particular.

“Os cearenses - escreveu - atassalhados pelas agruras que a seca acarreta, são um povo de fé, capaz de realizar muito porque capaz de sofrer muito. Os filhos do Ceará, em todos os setores da vida social, têm sabido honrar o nome do Brasil. E a Igreja, entre seus apóstolos de um e outro sexo, sempre tem contado beneméritos cearenses”.

Faz parte dessa galeria de beneméritos eclesiásticos, movidos por espírito de assistência e socorro aos sertanejos da “terra martirizada”, o Padre Cícero do Juazeiro, de perfil mais político do que religioso, mas benemérito aos olhos e corações dos milhares e milhões de nordestinos que lhe demonstram, várias vezes por ano, gratidão e veneração em grandiosas romarias ao Cariri, no sul do Ceará.

Por ser considerado tão benemérito, Padre Cícero é chamado, carinhosamente, de padrinhopelos sertanejos nordestinos. Eles sentem-no e festejam-no como protetor, como patriarca. A devoção e a fidelidade que lhe prestaram em vida permanecem inalteráveis e até maiores depois de sua morte em 1934. Um fenômeno que tem chamado a atenção de estudiosos das mais diversas disciplinas em centros universitários no Brasil e no exterior.

Padre Cícero é a inspiração e a motivação deste quarto livro do jornalista Jota Alcides, que já se ocupou, anteriormente, do mesmo tema, ao lançar o primeiro livro, em 1990, abordando, especificamente, o poder de comunicação desse legendário

sacerdote. Agora, neste “Padre Cícero segundo mestre Athayde”, apresenta essa figura mítica da Igreja no Nordeste sob análise de uma figura mítica do Jornalismo e da Literatura no Brasil.

Com sua consciência crítica de intelectual prestigiado e aclamado, nacional e internacionalmente, jornalista devotado e escritor influente, o saudoso Austregésilo de Athayde, o mais prestigiado presidente da Academia Brasileira de Letras depois do seu fundador, Machado de Assis, deixou com Jota Alcides este precioso depoimento sobre Padre Cícero.

Como costumava ser em suas análises sobre pessoas, fatos e instituições, quase sempre pedagógicas e sempre com elegância, lógica e objetividade, também nestas considerações sobre Padre Cícero, mestre Athayde, como era respeitosa e afetuosamente tratado por jornalistas e intelectuais, novos e veteranos, reafirma o seu estilo pessoal de julgamento com absoluta luminosidade e sinceridade.

Foi assim durante toda a sua vida, seja revelando crença ou ceticismo, seja aprovando ou condenando, seja demonstrando afetividade ou agressividade. Um observador privilegiado, reflexivo e participante, que tinha dentro de si as palpitações da vida universal e uma sensibilidade aguda para as questões essenciais da gente brasileira.

Dos meus 52 anos de atividades nos Diários Associados, pelo menos em 37 deles tive com Athayde uma relação muito próxima, companheira e fraternal, no condomínio formado pelo nosso inesquecível Assis Chateaubriand. E essa minha convivência com Athayde tornou-se ainda mais intensa depois que assumi, em 1980, a presidência dos Diários Associados.

Sou testemunha dos seus maiores e justos orgulhos de uma vida longa e rica em aventuras, sonhos e realizações: ter ajudado

Chateaubriand na fundação e organização do maior império de comunicação da América Latina, que chegou a possuir 32 jornais em todo o Brasil; ser considerado o maior editorialista do mundo, de tantos e incontáveis editoriais que escreveu; ter dirigido e modernizado a Academia Brasileira de Letras, a quem proporcionou prestígio internacional; e ter sido redator, em 1948, em Paris, da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Por isso, é com especial satisfação e até mesmo com sentimento de saudade que relembro, nas páginas deste novo livro sobre Padre Cícero, a personalidade emblemática do ex-companheiro Austregésilo de Athayde. Como escritor, ficou imortalizado pela Academia Brasileira de Letras, da qual foi presidente por 34 anos. Como jornalista, viveu intensamente sua dedicação insuperável ao jornalismo. Foi incansável como presidente do Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, desde 1982, e trabalhou até os últimos instantes de sua resistência física. Parou de escrever somente quando hospitalizado.

Com senso de jornalista e sensibilidade de escritor, o companheiro de jornada nos Diários Associados, Jota Alcides, conseguiu extrair de Austregésilo de Athayde, nos últimos dias de vida do acadêmico e mestre, um verdadeiro documento para a memória histórica e social do Nordeste. É a primeira avaliação crítica e densa de um dirigente da Academia Brasileira de Letras sobre Padre Cícero, para uns, apóstolo do embuste e, para outros, apóstolo da caridade

Este novo trabalho de Jota Alcides, cariense do Ceará, permanentemente atento às questões regionais e nacionais do Nordeste, vai, indubitavelmente, ampliar e enriquecer o debate sobre o Padre Cícero. Além de focar, analiticamente, as virtudes e habilidades que ele exercitou em função de seus propósitos religiosos e objetivos políticos, traz novas luzes sobre as sombras

que pairam ainda, na visão de muitos, sobre a vida e a obra do “Taumaturgo do Juazeiro”, esse verdadeiro mito que se eterniza nos corações dos nordestinos.

Paulo Cabral de Araújo
Brasília, abril de 1996

1

**JUÁZEIRO DO CARIRI E
MASSAS MESSIÂNICAS**

Sempre houve ao longo da história humana, em todas as épocas e em todas as raças, curiosidade e engenhosidade para investigação, interpretação e compreensão de movimentos e fenômenos que ultrapassam as fronteiras da normalidade na ordem social. Desde os antigos sábios gregos são ensaiadas e produzidas, nesse sentido, as mais variadas e originais especulações. Faz parte da experiência humana.

Entretanto, somente o crescimento das sociedades e o surgimento de suas complexidades estimularam e proporcionaram aos estudiosos e pesquisadores o tratamento científico adequado na decodificação de fenômenos sociais, sobretudo a partir do século XIX com o filósofo francês Auguste Comte.

Criador do positivismo, Comte talvez tenha sido o primeiro a fundamentar o estudo dos fenômenos sociais orientando-se por modelo teórico da Sociologia. Depois de avaliar, admirado, as palpitações que se registram e podem ocorrer no interior da organização social, observando atentamente determinados movimentos, o filósofo de Mompilher concluiu:

“Não podemos apreciar completamente um fenômeno que está sempre crescendo diante dos nossos olhos e do qual participamos. Mas, se refletirmos sobre o sistema social e o contemplarmos de alguma distância, não é possível conceber espetáculo mais maravilhoso na coleção completa dos fenômenos naturais, do que a convergência constante e regular de uma multidão incalculável de seres humanos, cada um deles possuindo uma existência distinta e, até certo ponto, independente, e mesmo permanentemente dispostos, entre todas as suas divergências de talento e de caráter, sem tácito acordo e mesmo sem consciência disso por parte da maioria que acredita estar seguindo simplesmente seus impulsos pessoais”.⁽³⁾

Evidentemente, embora tenha desenvolvido os seus conceitos antes da Revolução Industrial, Comte teorizava sobre as operações humanas dentro de uma sociedade que se avizinhava da sociedade de massa.

Outra formulação teórica, elaborada após a Revolução Industrial, revela-se também interessante para interpretação dos fenômenos sociais. Produzida na Alemanha por Ferdinand Tönnies, foi denominada **Gemeinschaft**.⁽⁴⁾ É uma palavra que significa comunidade, ou pode significar o sentimento de comunidade, principalmente aquele sentimento que caracteriza um lugarejo ou uma cidade.

Estudiosos das ciências sociais costumam traduzir o sentido de **Gemeinschaft** como o sentimento recíproco e estreito que mantém as pessoas de um lugar profundamente unidas e integradas, através do culto de valores e convicções tradicionais ou de forte dedicação à determinada crença.

Extremamente simplificadas aqui, como objeto de pura ilustração, ambas as formulações teóricas, de Comte e de Tönnies, apesar de elaboradas para análise de sistemas complexos de reações sociais ou da complexidade de organizações societárias, são de valiosa utilidade para interpretação de movimentos de massa produzidos por forte extensão ou tensão psicológica ou marcados por impressionante solidariedade social. Assim como ocorre em famosos centros de aglutinação e manifestação populares sob inspiração religiosa, ou mais precisamente, centros de intensa religiosidade popular.

Estudada hoje sob os enfoques teológico, antropológico, sociológico, histórico e psicológico, a religiosidade popular precisa ser encarada naturalmente, sem preconceito. Lamentavelmente, dentro da própria Igreja Católica ainda há dirigentes - em passado recente muito mais e no presente muito menos - com tendência à análise cultural elitista.

Colocam-se em quase arrogantes pedestais de infalibilidade, como se donos da verdade fossem, e quase insolentemente desprezam o autêntico sentimento religioso do povo. Preferem considerá-lo algo prosaico, mais demonstrativo de inculturação ou de ignorância religiosa.

Dessa forma só contribuem para sustentar o erro maniqueísta histórico que criou a religião oficial e a religião popular, a religião dos ricos e a religião dos pobres, a religião dos sábios e a religião dos analfabetos, a religião das elites e a religião das massas.

Apressados em tal julgamento, por interesse ou por conveniência, parecem ignorar que são os fatores sócio-econômicos, culturais, políticos e psicológicos que determinam a vivência religiosa de um povo. Esquecem de avaliar as características e as dimensões simbólicas que assumem as manifestações religiosas populares em geral. Sejam elas cristãs, maometanas, budistas e outras, todas com um ponto comum que é a expressão verdadeira do sentimento do povo.

Desconsideram também que “quase toda sabedoria da humanidade se acha resumida nas regiões e sobretudo nas mitologias”, como ensina Herman Hesse⁽⁵⁾, um dos finos pensadores deste século.

É fundamental, portanto, que o pensamento intelectual elitista, que ainda resiste em certos setores da Igreja Católica e em determinados segmentos da sociedade, abandone a linha de radicalidade, esta sim uma postura de ignorância, e se coloque na margem que revela, claramente, a essência desses movimentos, numerosos em países do Terceiro Mundo, especialmente na América Latina, e que têm no Brasil, como exemplo marcante, o caso de Juazeiro do Norte, no sul do Ceará.

Antes de tudo, Juazeiro do Norte fica no Nordeste, Nordeste do Brasil. Assim, é indispensável que o fenômeno do Juazeiro seja analisado, mais cuidadosamente, sob os aspectos de história social e da influência cultural na formação brasileira do Nordeste.

É essencial que se considerem os condicionamentos de espaço e ambiente, identificados pela sociologia situacional de Gilberto Freyre. O autor do clássico “Casa Grande & Senzala”, ao conceituar os brasileiros em geral e os nordestinos em particular, situados nos trópicos, fixou-se nos reflexos de uma evidente fusão de heranças culturais, especialmente europeias e africanas, com uma ecologia tropical.

Na teoria sociológica de Freyre, a história da sociedade brasileira é uma história “desenvolvida à base de valores principalmente, mas não exclusivamente, hispano-cristãos, valores hispano-cristãos em dinâmica interpretação com outros valores europeus e cristãos e com valores ameríndios e africanos negros, num espaço quase todo tropical em condições físicas de vida e em seus recursos ecológicos de economia”.⁽⁶⁾

Freyre indicou, assim, os fundamentos que respondem às indagações em torno de bases cristãs, míticas, lendárias, mágicas e folclóricas, que moldam comportamentos e expressões de simbologia e religiosidade dos nordestinos, como valores regionais notáveis.

Encravado no aprazível e fascinante Vale do Cariri, onde o verde se impõe em sua paisagem mesmo em tempo de seca e onde dezenas de fontes naturais e perenes originárias do Chapadão do Araripe, brotando água em abundância, garantem condições de “Oásis no Nordeste”, está Juazeiro do Norte. Com liderança regional conquistada pela sua vocação polarizadora, Juazeiro tem um poder de sedução que se confunde com a própria mitologia animadora de sua história real.

Conhecida nacionalmente, a partir da figura do seu fundador, Padre Cícero Romão Batista, personalidade polêmica e carismática, entre as mais interessantes da história da Igreja no Brasil, Juazeiro tem projeção também na América Latina como centro de crescentes romarias e de forte religiosidade popular. “O caso primitivo de simples misticismo do Juazeiro, transmudou o humilde arraial do Cariri na atual Meca dos Sertões”.⁽⁷⁾ Por isso, tornou-se alvo de atenções de estudiosos e pesquisadores nacionais e estrangeiros.

Com repercussão e disseminação por todo o Nordeste, o fenômeno do Juazeiro saiu dos limites da literatura de cordel, ultrapassou as fronteiras do Brasil e passou a ser analisado em Universidades da Europa e dos Estados Unidos, enquanto os romeiros nordestinos permanecem testemunhando e prolongando a perenidade do Padre Cícero.

Até pouco tempo atrás examinado tão somente e reduzi-damente sob o prisma da eclesiologia, avaliado mais intensamente apenas pela sua natureza religiosa, como movimento na sua essência inalterável através de décadas, Juazeiro do Cariri está despertando, ultimamente, o interesse de vários ramos da ciência humana.

Como engloba aspectos, além dos religiosos, culturais, sociais, econômicos, psicológicos, antropológicos e até políticos, o fenômeno do Juazeiro já não pode ser mais visto analítica, crítica e exclusivamente como mais um entre tantos movimentos do catolicismo popular brasileiro. Precisa ser observado, mais globalmente, como fenômeno de massas, massas sertanejas.

Vale reproduzir e repetir a advertência de Gilberto Freyre para o que ele chamou de ressurgências de espiritualidade dos brasileiros mais brasileiros ou abasileirados que insistem em formar um Brasil mais mítico e até religioso do que racional: “Um Brasil em que os pendores míticos, por vezes coincidentes com místicos, da parte do brasileiro mais povo, mais gente intuitiva,

mais raiz de cultura nacional, apresentam-se mais fortes que as tentativas de clérigos, quer letrados, quer apenas semiletrados - um cardeal, vários arcebispos e bispos, outros tantos teólogos ligados a ordens religiosas não-católicas - de racionalizarem o catolicismo e até o protestantismo evangélico brasileiro”.⁽⁸⁾

Pela sua origem, natureza, amplitude e especialmente pelo seu admirável crescimento, desafiando todas as circunstâncias adversas, trata-se, o caso do Juazeiro, de um fenômeno que, para ser mais profundamente compreendido e mais facilmente aceito, até mesmo dentro da própria Igreja Católica, precisa ser mais acentuadamente pesquisado pelo conjunto das ciências sociais.

É grande o espaço reservado, por exemplo, à psicologia, à sociologia, à antropologia e até à comunicação. Diante de avaliação científica, o fenômeno do Juazeiro se impõe como rico laboratório para exercícios de demologia, na perspectiva teórica de um movimento de massa.

Existe uma vasta literatura de conceituação sobre a natureza e a essência das massas, populações analisadas do ponto de vista social e psicológico.

Para alguns teóricos, massas são populações amorfas, compostas de indivíduos diversos, carentes de senso de identidade, destituídas de experiência de integração social permanente e de satisfação pessoal e dominadas por ansiedades, frustrações e sentimentos de impotência. Para outros, são simplesmente populações heterogêneas e anônimas, com muito contato pessoal e com pouca afetividade entre si.

Uma definição das mais usadas é a de Ortega Y Gasset, o autor de “A Rebelião das Massas”. Pelo seu entendimento, as massas são formadas por indivíduos que não atribuem valor a si

mesmos - bem ou mal, baseado em motivos específicos - mas que se sentem como toda gente e não obstante não se preocupam consigo. Sentem-se felizes em ser como todos os demais, os que nada exigem de especial de si mesmos, mas para os quais viver é ser, em todos os momentos, o que já são: “simples bóias que flutuam sobre as ondas”.

De maneira geral, os conceitos teóricos enquadram as massas como populações marginalizadas, heterogêneas, vivendo no isolamento, ansiosas por experiência de utilidade e sobretudo movidas pelo emocionalismo.

Gasset adverte: “O conceito de multidão é quantitativo e visual. Traduza-mo-lo, sem alterá-lo, à terminologia sociológica. Então, achamos a idéia de massa social. A sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois fatores: minorias e massas. As minorias são indivíduos ou grupos de indivíduos especialmente qualificados. A massa é o conjunto de pessoas não especialmente qualificadas”.⁽⁹⁾

Obviamente, seria precipitação interpretar Juazeiro pela teoria política de massa, com estudo central na natureza política da mobilização popular. Isso porque o fenômeno que se opera na cidade do Padre Cícero não contém, nas ruas romarias, manifestações de tendência ideológica, embora possa existir nele, enquanto movimento social, algum ingrediente político.

Entretanto, à luz da sociologia, da psicologia e da comunicação, sem dúvida, é um fenômeno que se destaca como expressão vigorosa do sentimento e das palpitações de multidões associadas e integradas pela mesma vontade geral e movidas pela mesma emoção que caracterizam, embelezam e enriquecem a exteriorização de massas populares concentradas ou em movimento, sempre harmoniosamente.

No Juazeiro do Ceará, as massas exibem a dispersão ordenada, transitando nos âmbitos do real e do imaginário, e oferecem uma excelente oportunidade aos que desejam conhecer e sentir melhor a vida difícil e traumática de milhões de nordestinos. São os romeiros do Padre Cícero passageiros da esperança, vivendo momentos de intensidade espiritual e de força simbólica.

Formando multidões de seres com existências independentes, mas unidas por impulsos pessoais, como na avaliação de Comte, trazem de longe, dos longínquos sertões do Nordeste, o desespero, as frustrações e as ansiedades que procuram esquecer ou superá-las na experiência coletiva que transforma as romarias em movimento de devoção alegre e festivo.

No trajeto de suas cidades e vilas até Juazeiro, os nordestinos em romarias fazem mais do que um simples deslocamento geográfico, geralmente em condições difíceis e penosas. De fato, aproveitam para uma reavaliação de suas vidas, material e espiritual, e são tomados, naturalmente, por reflexões espontâneas e estimuladas sobre valores básicos de vivência e convivência humanas.

Cortam longas estradas e chegam ao Juazeiro na expectativa de algo novo, renovador e alentador, buscando não necessariamente respostas e soluções prontas, mas mensagens e indicações que, ao menos, proporcionem alívio e conforto quanto aos sofrimentos do presente e esperança quanto ao futuro.

Distantes de suas cidades, suas terras, seus roçados e suas casas, mesmo temporariamente, os romeiros do Nordeste poderiam se sentir exilados, em exílio meditativo. Entretanto, a alegria e a exultação das romarias mostram, cabalmente, que, no Juazeiro, os brasileiros peregrinos se sentem compondo uma multidão irmanada e iluminada em vibrante e fervorosa harmonia. Sentem-

se protagonistas de uma jornada cheia de tons fortes, emocionalmente fortes, raros nos cenários de romarias nacionais e internacionais.

Um lugar de romarias, como Juazeiro, já observou Joseph Vorveleyn, avaliando a dimensão simbólica da religiosidade popular em seminário realizado no Memorial Padre Cícero, é um lugar de concentração do povo no sentido religioso. Sua interpretação: “O homem não é religioso na solidão, no isolamento em relação à sua comunidade. Um lugar de romarias funciona como traça de união entre todos os homens. É um lugar onde todo mundo é bem-vindo, que nivela todas as camadas sociais, tanto no plano econômico, como no intelectual. O lugar não é escolhido por vontade. Cada povo descobre, de certo modo, o lugar sagrado que lhe convém para reunir-se”.⁽¹⁰⁾

Seguramente, Juazeiro do Norte, sem oferecer as pressões e tentações da sociedade pós-materialista que dominam grandes centros metropolitanos, dentro e fora do Brasil, é um lugar próprio e conveniente ao povo do Nordeste para suas piedosas romarias. Juazeiro mantém com os romeiros uma relação de cumplicidade, abrindo espaço para a tradição camponesa e conservando a atmosfera religiosa. Existe em Juazeiro o sentimento recíproco e estreito que sustenta a cidade unida e integrada sob valores de uma crença, assim como na definição do **Gemeinschaft**.

Juazeiro, desse modo, não seria santuário de romeiros se fosse um lugar paradisíaco e luxuoso sem condições próprias para o recolhimento espiritual. Não seria santuário se fosse como uma ilha grega de praias com mar azul permanentemente tomadas por turistas do mundo inteiro; se fosse um balneário glamouroso de veraneio como Cannes, na sofisticada Riviera Francesa; se fosse um refúgio com a beleza de Algarve, ao sul de Portugal; se fosse um paraíso ecológico como a ilha de Key West na rota do sol na Flórida; ou se fosse um ambiente naturalmente propício para

aventuras românticas e ilusórias, como as ilhas do Caribe; ou ainda se fosse um desses centros urbanos de beleza, emoção e prazer da costa brasileira. Se assim fosse, santuário não seria.

É assim mesmo. O santuário inca de Machu Picchu é apenas um conjunto de pedras sobre pedras, no alto de uma montanha de 2.400 metros, cercada de outras montanhas, mais ou menos a 1.200 km de Lima, no Peru. Mas, pelo seu clima de mistério, simbolizando séculos da arquitetura e da cultura andina, atrai, anualmente, milhares de visitantes do mundo inteiro. Existe um fascínio em torno da engenhosidade daquela antiga construção de pedras que o tempo transformou em santuário.

Juazeiro não tem símbolos naturais, nem acidentes geográficos ou espaços lúbricos como alguns centros nacionais e transnacionais ricos e famosos do mundo. Mas, Juazeiro tem a extraordinária sedução do mistério humano, das coisas enigmáticas, cuja força poderosa atrai e encanta os que são simples e os que descobrem a beleza da simplicidade. Envolvidos, os romeiros se transportam da realidade sempre dura e quase sempre cruel para um universo mágico e mítico onde ficam navegando em contemplação.

Talvez até mesmo inconscientemente, descobrindo que “navegar é preciso, viver não é preciso”, como um dia ensinou Pompeu na revelação de Plutarco. Para os romeiros, Juazeiro suaviza a condição trágica dos nordestinos e produz, assim, uma alegre apologia da verdade dramática que se converte num espetáculo incrivelmente cheio de vitalidade humana, sensibilidade e emoção. O espetáculo das romarias no Juazeiro chega a parecer uma mistura de **happening happiness** de humana ingenuidade mas de profunda comoção.

Como assim é, Juazeiro do Padre Cícero apresenta-se excepcionalmente interessante ao estudo e à pesquisa da

demopsicologia. Seu amplo e rico painel multirregional de cultura rústica, animado pelos sertanejos simples, sofridos, desassistidos em suas necessidades elementares, mas conformados com as venturas e desventuras da vida, oferece uma oportunidade sem igual ao estudo da psicologia social do povo do Nordeste brasileiro.

No Juazeiro buscam refúgio e assistência, anualmente, milhões de nordestinos, massacrados pela natureza inclemente e explorados como vítimas do imobilismo e da insensibilidade de elites dirigentes. Vítimas dos que, ao longo de décadas, sempre assumiram uma postura conservadora, oportunista e conveniente, usando a pobreza e a miséria como permanente apelo para obtenção de vantagens políticas ou de recursos para destinação nem sempre correta....

Juazeiro é o centro acolhedor dessas multidões oprimidas e abandonadas por aqueles que, até intencionalmente, preferem manter no Nordeste um Brasil arcaico e submisso. Felizmente, para o Brasil e seus sucessivos governos, esse povo, que se comporta heróica e estoicamente, tem uma índole de comovente docilidade e, em sua simplicidade, uma admirável dignidade.

Provavelmente estejam aí os impulsos políticos e sociais que também colocam as massas sertanejas em constante movimento na direção do Juazeiro. Vale lembrar o que afirma Eric Hoffer, em seu estudo **The True Believer**: “O vigor de um movimento de massa nasce da propensão de seus seguidores à ação unida e ao auto-sacrifício”.⁽¹¹⁾ O espetáculo das romarias traduz isso.

É uma espécie de **tour de force** que exige dos romeiros cansativas viagens, precária alimentação, dificuldades de transporte e outros sacrifícios, suportados resignada e voluntariamente. Tudo em troca de poucos mas intransferíveis e revigorantes momentos de contentamento, como a entrada festiva no Juazeiro, a visita ao monumento do Padre Cícero na colina do Horto, e a tradicional e

marcantemente cênica Missa dos Chapéus, na igreja de Nossa Senhora das Dores, contemplada pelos peregrinos como a Catedral do Nordeste.

Especialmente para os romeiros desiludidos, desamparados e esquecidos, social e economicamente, esses momentos no Juazeiro representam algo onírico. Significam um sonho confortante para essas massas sertanejas messianicamente crentes e esperançosas de encontrar o caminho da felicidade espiritual e social.

Pode até parecer espantoso, intrigante, estranho e grotesco aos que observam o fenômeno humano das romarias com desdém, mas quando estão na terra do Padre Cícero os nordestinos peregrinos sentem-se felizes, com aquela satisfação íntima exposta nos olhos somente em ouvir os sinos das igrejas de Juazeiro.

Como na crônica de Rubem Braga, festejado mestre em descobrir o lado significativo e essencial de acontecimentos triviais, “eles sabem que de todos os ruídos e sons que fogem do mundo em procura de Deus - gemidos, gritos, blasfêmias, sinos, orações e o murmúrio tenebroso e agônico de grandes cidades, que esperam a explosão atômica e no seu ventre negro parecem conter o germe de todas as explosões - eles sabem que Deus, com especial alegria e delícia, ouve o som alegre do sino de ouro perdido no fundo do Sertão”.(12)

Assim também, brasileiros dos mais autenticamente brasileiros, brasileiros facialmente rústicos, em sua maioria despojados de luxo e de pomposidade, mas imbatíveis na preservação de seus valores e tradições e na transparência de seus verdadeiros sentimentos, os romeiros criam e recriam no misterioso e atraente Juazeiro do Cariri um espetáculo comovente e harmonioso de confraternização do Brasil genuíno. Um espetáculo de exuberância e singeleza do Brasil sertanejo.

2

**O PATRIARCA DOS SERTÕES
E O PATRIARCA DAS LETRAS**

Padre místico, messiânico, taumaturgo, heresiarca, político, nacionalista, anticomunista, revolucionário, caudilho, líder de massas sertanejas. Padre Cícero Romão Batista passou a ser tudo isso no cenário do Nordeste do Brasil a partir de determinado momento histórico. Impôs-se com sua personalidade, driblou as adversidades, enfrentou as incompreensões, ganhou a adesão do povo, fez história e entrou para a História. “Endeusado por uns e ferozmente combatido por outros”.⁽¹³⁾

Nascido cearense, em 24 de março de 1844, na cidade do Crato, nessa época a mais importante do Cariri, no sul do Estado, teve pais pobres, Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana, católicos fervorosos. Cresceu revelando entusiasmo pelos eventos religiosos, como novenas e procissões, e influenciado pelas pregações de civismo e patriotismo deixadas no Cariri por alguns heróis e mártires da liberdade⁽¹⁴⁾, como o diácono José Martiniano de Alencar. O pai do futuro romancista José de Alencar saiu do seminário de Olinda, Pernambuco, como um dos líderes da Confederação do Equador, e foi defender a causa da Independência na região do Cariri.

Cícero Romão Batista fez os primeiros estudos no Crato, em escola do padre João Marrocos, até aos 16 anos. Em 1862, quando tinha 18 anos e estudava no Colégio Padre Rolim, em Cajazeiras, Paraíba, foi surpreendido pela morte do pai, vítima do cólera. “Duas amarguras cobriram o espírito do jovem estudante: o luto pelo pai e a impossibilidade de continuar os estudos. Sendo ele o único filho homem do casal, era preciso renunciar ao ideal do sacerdócio”.⁽¹⁵⁾

Com o apoio do coronel Antonio Luis Alves Pequeno, e do jornalista João Brígido, do Crato, pôde continuar os estudos. Foi

levado para o Seminário da Prainha, em Fortaleza, onde completou sua formação de 1865 a 1870, sendo ordenado sacerdote em 1870 por dom Luis Antonio dos Santos, primeiro bispo do Ceará.

“Quando ele chega ao povoado de Juazeiro, em 11 de abril de 1872, dois anos depois de sua ordenação no Seminário de Fortaleza, depara com 12 casas de tijolos e telhas, 20 de taipa e palha e uma pequena capela mandada edificar pelo padre Ribeiro de Carvalho, no antigo lugar conhecido como Tabuleiro Grande, à sombra de frondoso Juazeiro e à margem de um caminho que liga as cidades do Crato e Missão Velha”.⁽¹⁶⁾ O lugar onde começou a trabalhar era, segundo registros históricos, um antro de prostitutas, ladrões, bebedores e desordeiros.

Em 6 de março de 1889, verificou-se, pela primeira vez em público, na igreja matriz do Juazeiro, o fenômeno da transmutação da hóstia em sangue, na boca da beata Maria de Araújo, e que se repete em 7 de julho de 1889, 26 e 30 de março de 1891 e 3 de abril de 1892. O fenômeno é anunciado, oficialmente, em 7 de julho de 1889, pelo monsenhor Francisco Monteiro, diante de mais de três mil pessoas em procissão no Crato.⁽¹⁷⁾

Começou, então, uma grande confusão envolvendo defensores e acusadores do Padre Cícero. Com a divulgação do milagre, o povoado de Juazeiro atraiu romeiros e o fato “precipitou um conflito eclesiástico que agitou, profundamente, a hierarquia católica do Brasil”.⁽¹⁸⁾ Embora manifestasse confiança na sinceridade dos relatórios do Padre Cícero, dom Joaquim José Vieira, segundo bispo do Ceará, proibiu que o fato extraordinário fosse apresentado como milagre.

Depois de muitos interrogatórios, depoimentos, exames, inquéritos, o caso virou uma grande polêmica, aumentando o movimento de romeiros do Nordeste para Juazeiro. Sentindo que a manifestação popular, favorável ao Padre Cícero, era uma

provocação e até desobediência à sua autoridade episcopal, em 5 de agosto de 1892, dom Joaquim tomou a sua decisão mais severa: suspendeu as ordens do Padre Cícero, que ficou sem poder pregar, confessar e orientar seus fiéis seguidores. O processo acabou sendo enviado para Roma. Em julho de 1894, o Vaticano deu seu veredicto reprovando e condenando o pretense milagre.

Com o auxílio financeiro de chefes políticos do Cariri e de Pernambuco, o pároco de Juazeiro embarcou para Roma em fevereiro de 1898. Foi defender-se, pessoalmente, diante do Papa Leão XIII. Acabou voltando ao Ceará em dezembro do mesmo ano com autorização do Papa para voltar a celebrar missa, desde que com aprovação de Fortaleza, dom Joaquim. Como o bispo não cedeu, Padre Cícero permaneceu sem poder exercer o sacerdócio. Entretanto, não deixou as atividades religiosas e passou a atuar politicamente com apoio popular e crescente prestígio no Nordeste.

Absolvido pelo Papa Leão XIII, mas impedido pelo bispo do Ceará, dom Joaquim, Padre Cícero não desistiu. “Desde que privado de exercer as funções do seu ministério sacerdotal, ocupava a janela de sua casa ou da casa de algum amigo, onde estivesse, para falar aos que ali o procuravam já que lhe era proibido doutrinar na igreja que ele construía”.⁽¹⁹⁾

Entre 1890 e 1899, Padre Cícero dedicou-se à construção de uma igreja para o Sagrado Coração de Jesus, no alto da colina do Horto, cumprindo uma promessa feita na seca de 1889, que havia causado intenso flagelo no Cariri e no Ceará. Com plantas de ousado projeto que conseguiu na Itália, sonhava em dotar Juazeiro de um templo grandioso e imponente que seria considerado a maior catedral do interior do Nordeste brasileiro.

Seria, porque o bispo dom Joaquim acabou proibindo a construção da igreja, dizendo-se preocupado com possível propagação de fanatismo religioso. Essa decisão só fez ampliar a

adesão do povo de Juazeiro e dos romeiros ao Padre Cícero, que passou a ser visto como perseguido pelas autoridades católicas por implicância ou mesmo inveja.

Cresceram as peregrinações do Nordeste para Juazeiro e a cidade triplicou rapidamente sua população. Ultrapassou os cinco mil em 1898, subiu para 12 mil em 1905 e atingiu 15 mil habitantes em 1909. Padre Cícero assumiu a condição de protetor e acolhedor de multidões de nordestinos sofridos e injustiçados pela natureza e pelos homens. “A pobreza crônica do Nordeste e a busca desesperada dos pobres por um salário de subsistência parecem justificar, ponderavelmente, a presteza com que milhares de romeiros tudo largavam para ir ao encontro de Juazeiro”.⁽²⁰⁾ Padre Cícero tornou-se, para todos, um santo conselheiro para tudo, inclusive indicando remédios caseiros para as mais diversas enfermidades.

Em busca de melhores condições para seu povo, começou uma luta exaustiva pela independência de Juazeiro, até então um lugarejo pertencente ao Crato. Em 22 de julho de 1911 Juazeiro foi oficializado município e Padre Cícero nomeado seu primeiro prefeito. Em janeiro 1912, foi eleito 3º vice-presidente do Ceará, em chapa liderada por Franco Rabelo, mas, em fevereiro de 1913, por divergências políticas, foi demitido do cargo de prefeito. Houve revolta geral em Juazeiro.

Forças rebeldes, comandadas pelo deputado federal Floro Bartolomeu, fiel amigo e correligionário do Padre Cícero, reagiram e retomaram a Prefeitura de Juazeiro. Empossado novamente como prefeito, em 12 de dezembro de 1913, Padre Cícero convocou o povo para cercar a cidade de trincheiras e muralhas em defesa contra tropas invasores de Franco Rabelo.

Como era esperado, as forças rabelistas atacaram Juazeiro em 21 de janeiro de 1914, mas foram repelidas e derrotadas pelas

tropas sob o comando de Floro Bartolomeu. Juazeiro venceu a batalha, caiu Franco Rabelo e assumiu o poder o comendador Pinto Nogueira Accioly, amigo do Padre Cícero. Em sessão extraordinária da Assembléia Legislativa do Ceará, em 22 de julho de 1914, o fundador de Juazeiro foi eleito 1º vice-presidente do Ceará.

Durante todos esses anos, Padre Cícero manteve-se sacerdote obediente procurando o restabelecimento de suas ordens, com documentos, depoimentos e provas testemunhais junto aos dirigentes da Igreja no Ceará e no Vaticano. Conseguiu, em 1916, autorização do primeiro bispo do Crato, dom Quintino de Oliveira, para voltar a celebrar missa em Juazeiro. Com isso, avolumaram-se as romarias, acentuadamente, causando mais preocupações aos dirigentes da Igreja no Ceará.

Em 1921, ao pedir permissão para ser padrinho de crianças em cerimônias de batismo, o mesmo dom Quintino suspendeu definitivamente suas ordens sacerdotais. Padre Cícero ganhou, então, mais apoio popular e político e, em 1923, teve forte defesa numa tribuna nacional. Foi um discurso inflamado do deputado Floro Bartolomeu, na Câmara Federal, no Rio, considerado veemente e histórico depoimento em favor do Patriarca de Juazeiro.

Com seu poderio religioso e sua influência política, Padre Cícero liderou várias iniciativas de progresso e, em pouco tempo, atraiu vários melhoramentos para Juazeiro.⁽²¹⁾ Alguns deles: fundou o Orfanato Jesus Maria e José, em 1916 e apoiou a instalação de diversas pequenas escolas; conseguiu o primeiro Grupo Escolar Estadual para o município, em 1927, atendido pelo Diretor de Instrução do Ceará, Campos Salles; possibilitou a instalação na cidade de Batalhão da Polícia Militar do Ceará, em 1927; mobilizou-se pela criação do Patronato Agrícola de Juazeiro, junto ao presidente da República e seu amigo, Washington Luiz; conseguiu a construção, em Juazeiro, da

Estação Ferroviária da Rede de Viação Cearense, inaugurada em 1926, com ajuda do presidente do Ceará, desembargador Moreira da Rocha; apoiou a instalação da primeira casa bancária da cidade, Banco Comercial de Juazeiro, em 1931; promoveu a instalação dos Correios e Telégrafos, em 1933; proporcionou condições ao Superior da Ordem de Dom Bosco no Brasil, padre Pedro Tirrone, para instalação de um colégio salesiano, iniciada em 1939; ofereceu condições ao superior da Ordem dos Franciscanos no Brasil, frei Cyríaco Hilscher, para abertura de um seminário franciscano, cuja construção se deu a partir de 1950; garantiu condições para implantação e inauguração do aeroporto de Juazeiro em 1933; e outros benefícios, sobretudo nas áreas de segurança, transporte, educação e saúde, que lhe renderam homenagens e a classificação de “levita civilizador do sertão”.

Com sua popularidade chegando aos mais distantes recantos sertanejos, Padre Cícero conquistou adeptos, seguidores, simpatizantes e admiradores em todos os meios, inclusive entre os bandoleiros que espalhavam o terror nos Estados da região. Em 1926, surpreendeu-se com a presença inesperada, em Juazeiro, do “rei do cangaço” Virgulino Ferreira da Silva, Lampião, que se dizia um grande admirador dele. Orientou o bandido para deixar a cidade, abandonar a violência e tentar a regeneração.

Com o argumento de que não era autoridade federal, Padre Cícero negou ao cangaceiro uma patente de capitão que ele queria para integrar o chamado “batalhão patriótico” contra a Coluna Prestes. Mas, Lampião insistiu e conseguiu a patente junto ao único e assustado funcionário público federal em Juazeiro, agrônomo Pedro Albuquerque Uchoa, que atendeu o pedido com medo e para ficar livre de represália.

Em 16 de abril de 1926, Padre Cícero foi eleito deputado federal para a vaga do seu amigo Floro Bartolomeu, falecido no

Rio. Mas, preferiu ficar em Juazeiro trabalhando pela sua gente, acolhendo os romeiros e apoiando as iniciativas para o desenvolvimento do município.

Originais de mensagens, cartas e telegramas de arquivos reservados sobre o Padre Cícero, relativos ao período de 1923 a 1934, recuperados, reunidos e publicados em 1995, como dossiê confidencial⁽²²⁾ revelam informações valiosas de momentos importantes da história do Ceará, do Nordeste e do Brasil. Destacam a atuação do Padre Cícero como dirigente comunitário e político regional buscando soluções para graves problemas sociais do Nordeste junto aos poderes da República.

Mostram seu papel político, sua conduta pública e sua influência em decisões importantes, envolvendo notáveis personagens da história brasileira da primeira metade deste século. Revelam Padre Cícero como um líder responsável, atuante, respeitado e admirado, correspondendo-se com os presidentes da República, Arthur Bernardes, Washington Luis e Getúlio Vargas; com os ministros da Agricultura, Juarez Távora, da Justiça, Oswaldo Aranha, e da Viação, José Américo; com os presidentes das Províncias do Ceará, Justiniano Serpa e Moreira da Rocha, de São Paulo, Julio Prestes, de Pernambuco, Estácio Coimbra, da Paraíba, João Pessoa, e muitos senadores e deputados federais. De todos recebendo atenção aos pleitos, consultas e sugestões de natureza política ou administrativa.

Padre Cícero morreu no Juazeiro, aos 90 anos de idade. Uma multidão calculada em 70 mil pessoas acompanhou emocionada o enterro do Patriarca dos Sertões em túmulo na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde estão inscritas suas últimas palavras: “No céu pedirei a Deus por vocês”.

Juazeiro do Norte recebe, anualmente, mais de 1 milhão e 500 mil pessoas que vão reverenciar a memória do Padre Cícero,

que, desde 1969, está reproduzido, simbólica e concretamente, no alto da colina do Horto, numa estátua de 25 metros de altura, segundo maior do Brasil, depois do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. É considerado um dos maiores centros de religiosidade popular da América Latina.

Escritor, jornalista, advogado, conferencista, ensaísta, orador, crítico literário, poeta e contista, comparado a Machado de Assis e Rui Barbosa, Belarmino Maria Austragésio de Athayde foi o brasileiro que, talvez, tenha vivido mais intensamente este século. Seus maiores orgulhos: 78 anos de atividade incessante como jornalista, 34 anos como presidente da Academia Brasileira de Letras, e ter participado da comissão que redigiu e aprovou a Declaração Universal dos Direitos do Homem, em 1948, na França.

Nascido em Caruaru, Pernambuco, em 25 de setembro de 1898, filho do magistrado José Feliciano Augusto de Athayde e da musicista Constância Adelaide, Austregésilo de Athayde viveu, desde menino, em ambiente intelectualizado. Transferido com a família para o Ceará, aos 12 anos iniciou estudos religiosos no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Seus pais desejavam vê-lo ordenado padre e homem culto.

Depois de quatro anos estudando Teologia, largou a carreira religiosa e passou a frequentar o Liceu do Ceará. Em 1918, mudou-se para o Rio de Janeiro onde se iniciou no jornalismo. Começou como redator do vespertino *A Tribuna*, onde chegou a ser diretor-secretário. No Rio, conheceu o empresário de comunicação e também escritor Assis Chateaubriand com quem manteve uma amizade de 50 anos.

Em 1924, diplomado pela Faculdade Nacional de Direito, assumiu a direção de *O Jornal* convidado por Chateaubriand que estava começando a montar o seu império de comunicações.

Colaborou na criação dos Diários Associados e foi crítico literário do *Correio da Manhã*, diretor do *Diário da Noite* e da revista *O Cruzeiro*.

Contrário à Revolução de 30, participou do Movimento Constitucionalista de 1932, foi preso e exilado. Morou na Europa entre 1933 e 1934, quando casou com Maria José de Queiroz. Em 1933, esteve em Buenos Aires promovendo um movimento de intercâmbio cultural. Em 1935, retomou suas atividades no Rio de Janeiro.

Em 1948, aconteceu sua maior realização. Participou da comissão que elaborou a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Durante o resto de sua vida carregou, como troféu, uma cópia do seu discurso na Assembléia Plenária da ONU que aprovou a Declaração em Paris, em 10 de dezembro de 1948. Ele foi o orador, escolhido por unanimidade pelos representantes de 65 países.

Eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 9 de agosto de 1951, como sucessor de Oliveira Viana, em 1959 chegou à sua presidência, cargo que ocupou até morrer. Sua esposa, Maria José Queiroz, morreu em 6 de novembro de 1984, aos 72 anos. Com ela, Athayde teve três filhos, Laura, Roberto e Antonio Vicente. E com ela viveu os últimos 45 anos de sua vida numa mansão construída em 1872, no Cosme Velho, no Rio.

Como escritor, seu primeiro romance, “Marion”, não chegou a ser publicado, “o que foi bastante triste para a obra, mas bastante propício para a literatura brasileira”, segundo ele mesmo. Depois, em 1921, publicou “Histórias Amargas”, com prefácio de Coelho Neto. O segundo romance, “Quando as hortências florescem”, também foi publicado no mesmo ano. A seguir lançou “A influência espiritual americana”, em 1938, e “Fora da Imprensa”, em 1948.

Vários estudos, crônicas e ensaios sobre a atuação política de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e outras personalidades, ele reuniu no livro “Mestres do Liberalismo”. Outras obras de Athayde: “Chateaubriand político e jornalista”, “Rui Barbosa jornalista (1951)”, “Dom Pedro II e a Cultura no Brasil” (1966), “Vana Verba” (1966), “Epístola aos contemporâneos” (1967), “Conversas na Barbearia do Sol” (1971), “Filosofia Básica dos Direitos Humanos” (1976) e “Alfa do Centauro” (1979).

Se tivesse publicado tudo que escreveu sua obra ocuparia uns 300 livros, disse o acadêmico Josué Montelo. E o próprio Athayde chegou a admitir em 1988. “Ninguém escreveu na vida mais do que eu”. Como presidente do *Jornal do Comércio*, do Rio, órgão dos Diários Associados, escreveu até seus últimos dias, diariamente, editoriais e artigos.

Realmente, será difícil encontrar outro representante da imprensa brasileira que tenha escrito tanto quanto Athayde, como jornalista. Pode até aparecer igual, mas superior dificilmente. Sempre firme, lúcido, prudente, corajoso, aberto ao debate construtivo e expondo sem temor seus julgamentos, Athayde usou o brilho de sua inteligência para defender seus ideais com elegância e profundidade. Fez sucesso como escritor, sendo reconhecido em todo o Brasil, mas o que ele gostou de ser mesmo foi jornalista.

Recebeu, em 1952, o Prêmio Moors Cabot, da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, por sua intensa atividade jornalística. Deixou centenas de artigos e crônicas publicados na imprensa brasileira, principalmente nos órgãos dos Diários Associados. Por isso, também recebeu diversas condecorações nacionais e estrangeiras. Medalhão Cultural de Ouro da Itália e Medalhão do Rei da Inglaterra por serviços prestados à liberdade.

Em toda a vida, exerceu o jornalismo como apostolado. Consciente de que quase sempre a atividade fecunda do jornalista

passa despercebida porque geralmente sua construção tem repercussão em futuro distante, escreveu: “O idealismo desse esforço cotidiano, que se perde na aparência de sua facilidade é, no entanto, mais útil e nobre do que a celeuma dos que agitam as massas para a guerra e ateiam os incêndios em que se consomem os valores perduráveis da humanidade”.(23)

Austregésilo de Athayde morreu em 13 de setembro de 1993, aos 94 anos, faltando poucos dias para completar 95 anos, na casa de Saúde Santa Lúcia, no Rio. Deixou como exemplos uma vida de jornalista apaixonado pela profissão e uma obra de intelectual defensor da liberdade e da democracia. “Quando eu morrer, espero que em meu túmulo figure que fui um defensor do liberalismo e da democracia, pois baseei minha vida nesses ideais”.

Assim pediu para ser lembrado o escritor e jornalista que durante 34 anos presidiu a Academia Brasileira de Letras, a mais tradicional instituição cultural brasileira. Pela sua personalidade, tendo ocupado, ativamente, o cenário da cultura nacional em quase um século, passou a ser considerado Patriarca das Letras e respeitado como patrimônio da inteligência brasileira.

Entre as personalidades da cultura e da política nacionais presentes ao seu sepultamento no mausoléu da Academia Brasileira de Letras, no Cemitério São João Batista, no Rio, o senador e acadêmico José Sarney, ex-presidente da República, assim se expressou:

“Austregésilo de Athayde, mais do que uma vida, era um símbolo. Era a vivacidade intelectual, o brilho, a palavra, a grande figura humana e a própria instituição dos valores morais do espírito. Não há brasileiro que não tivesse admiração por ele. Sua morte representa um grande vazio, um silêncio. É como se tivesse caído uma viga mestra da ABL, que teve dois grandes momentos. O primeiro, quando foi criada por Machado de Assis, e o segundo, ao ser consolidada por Austregésilo de Athayde. Ele era um símbolo

nacional da cultura e da inteligência, última unanimidade neste País tão dividido. A ABL, como o País, vai levar muito tempo para encher o vazio e o silêncio do seu patriarca”.(24)

Depoimento do escritor acadêmico Josué Montello: “Com a morte de Austregésilo de Athayde, a Academia perde uma das maiores figuras, ao longo de quase um século de existência. Ela teve três grandes presidentes: Machado de Assis, que coordenou a concordância de gerações na hora em que a Academia se formou; Afrânio Peixoto, que lhe deu sede definitiva; e Austregésilo de Athayde, que a consolidou no plano administrativo, criando condições de eficácia no plano intelectual. Athayde associou seu nome e sua obra a iniciativas de repercussão internacional, como sua participação na redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, além de ter deixado uma obra jornalística das mais extensas do mundo”.(25)

Assim se expressou o então presidente da República, Itamar Franco, lamentando a morte de Austregésilo de Athayde: “Encerra-se hoje mais um capítulo da história das Letras brasileiras. A figura humana e notável do cidadão Austregésilo de Athayde, com quem tive a honra de conviver, perpetua-se através de sua obra, a qual ultrapassou os limites de nossas fronteiras projetando o Brasil pelo encantamento no uso da palavra. Esta perda é sentida por toda a Nação”.

“Perdemos mesmo uma figura emblemática”, sintetizou o presidente dos Diários Associados, jornalista Paulo Cabral de Araújo, seu companheiro de várias décadas na organização fundada pelo também escritor e jornalista Assis Chateaubriand. E a mensagem da Associação Nacional dos Jornais destacou: “Mestre Austregésilo era um exemplo de jornalista e intelectual. Engrandeceu a imprensa brasileira e deixou sua contribuição para a cultura universal. Intelectual prodigioso, Austregésilo de Athayde merece que se cumpra um de seus últimos desejos, o de passar à história como defensor do liberalismo e da democracia”.

3

**PADRE CÍCERO VISTO
POR MESTRE ATHAYDE**

“Entre os filósofos e moralistas da antiga civilização greco-romana, alguns espíritos livres advinharam, na elaboração dos seus sistemas, que sem a liberdade espiritual mutilava-se no homem a sua força fecunda. Mas, coube a Cristo dar o novo fundamento do direito das massas, que é o da igualdade de todos perante Deus, idéia revolucionária de que posteriormente emanaram todas as outras revoluções e que serve para legitimar a queda das tiranias sociais, políticas, econômicas ou de qualquer outra ordem”.

Este era o pensamento do mestre Austregésilo de Athayde quando abordado para falar sobre as relações humanas com Deus. Mesmo sendo agnóstico - aquele que só aceita como verdade algo de evidência lógica - o escritor fazia questão de ressaltar que, acima de sua crença pessoal, orientada pela consciência e pela razão, reconhecia a força do sentimento religioso do povo no Brasil, onde o nome de Deus tem uma ligação direta com a questão dos direitos humanos essenciais.

Mestre Athayde viveu até o final de sua longa existência, 94 anos, filosofando sobre a vida e o universo, realmente, como um grande pensador. Foi nessa condição que, com sua volumosa cabeleira branca e já demonstrando cansaço, me recebeu para encontro reservado em suíte do Eron Hotel, em Brasília, poucos meses antes de sua morte.

Queria ouvi-lo, como lhe havia antecipado, sobre um tema específico relacionado com análise de comportamentos coletivos: a influência da mitologia nas manifestações e expressões das massas populares como fenômeno social.

Na verdade, o que desejava mesmo era obter do escritor e filósofo, dentro dessa abordagem especial e abrangente, um

depoimento sobre o messianismo no Brasil, tendo como foco central a figura polêmica e carismática do Padre Cícero Romão Batista, verdadeiro mito consagrado, pelos sertanejos, como “Taumaturgo do Nordeste”.

Sabia ser esse um tema interessante para o presidente da Academia Brasileira de Letras porque o remetia à sua infância. Nascido pernambucano, Austregésilo de Athayde foi transferido ainda menino com a família para o Ceará, onde chegou a estudar no Seminário da Prainha, em Fortaleza, mesmo local de estudos e ordenação do Padre Cícero. Assim, ainda adolescente, Athayde teve oportunidade dos seus primeiros contatos com aquele que exerceria conturbado apostolado no sul do Ceará, mais precisamente em Juazeiro do Norte, transformado num dos maiores centros de romarias da América Latina.

Foi um encontro demorado, quase três horas, numa conversa objetiva em ritmo de entrevista. O resultado é um longo depoimento de sentido profundamente filosófico sobre a natureza das coisas e da existência humana, registrando-se autênticas lições de interpretação lúcida e precisa sobre particularidades que dão vida e força à pluralidade cultural brasileira.

Com o brilho de filósofo amadurecido e a vivacidade de grande intelectual, o Patriarca das Letras no Brasil expressa, com naturalidade e sinceridade, seus pensamentos, avaliações e análises críticas sobre a vida e a obra, a personalidade e o legado do Patriarca dos Sertões do Nordeste. Confira.

Como o conheceu o Padre Cícero?

Eu estava no seminário da Prainha, em Fortaleza, onde entrei em 1910, com 12 anos de idade. Naquela ocasião, o Padre Cícero voltava de uma viagem que fizera a Roma, aonde ele fora chamado para explicar a situação criada em Juazeiro com os milagres de uma mulher que, quando comungava, escorria sangue pela boca.

Então, suspenso de ordem pelo bispo de Fortaleza, que era arcebispo do Ceará nesse tempo, ele foi chamado a Roma para esclarecer a questão, mas voltou sem que a situação ficasse clara, mesmo porque ele não era homem de esclarecer.

Ele tinha convicções pessoais. Desenvolvia o fanatismo como uma das formas de expressão de suas convicções religiosas e do papel que um sacerdote deve desempenhar na comunidade que lhe foi confiada.

Era uma pessoa interessante. Até que ele me deu um exemplar de um discurso de Cícero, o orador romano, com o nome dele assinado: Cícero Romão Batista. Ele me ofereceu. Mas, eu era menino naquele tempo, não ligava, não dei a importância devida a esse objeto, que seria uma relíquia hoje ter nas minhas mãos. Dei logo a outra pessoa, do que me arrependo muito hoje.

Como era o Nordeste daquela época?

O Nordeste do meu tempo de menino era muito diferente do Nordeste de hoje porque houve grande progresso naquela região primeiramente afetada pelas secas cíclicas. Essas secas não têm mais aquela gravidade que apresentavam, por exemplo, como no “Quinze”, de Rachel de Queiroz, e em “A Bagaceira”, de José Américo de Almeida.”

Tanto Rachel como Américo, grandes romancistas, apresentaram um problema que não tem mais a mesma característica hoje.

Todas as estradas que há no Nordeste, toda a ação de açudagem e o aproveitamento das regiões úmidas, tudo isso fez com que as secas deixassem de ser uma calamidade para ser apenas um problema em vias de solução.

Dá para vincular a questão do messianismo à questão social no Nordeste?

É claro. O messianismo e o banditismo fazem parte da estrutura social do Nordeste, mas também fazem parte da história de algumas regiões do Sul do Brasil. Por isso que existiram também fanáticos no Paraná e tal.

São fenômenos de uma cultura, de um povo, que está em desenvolvimento e que ainda não encontrou os parâmetros reais e definitivos de sua expressão na vida social.

Em “Os Sertões”, Euclides da Cunha considerou Padre Cícero um heresiarca. Qual é a sua avaliação?

Ele não era um heresiarca. Heresiarca é aquele que, dentro de uma doutrina, assume uma opinião diversa da ortodoxa. O Padre Cícero, não. Ele era romano, acreditava em tudo aquilo que está nos Evangelhos, naquilo que foi a missão de Cristo, o papel de Cristo.

Apenas ele era uma expressão diferente dessas convicções religiosas. Fazia parte do seu espírito acreditar que um sacerdote tem a desempenhar um papel que não se deve limitar à igreja, mas exercer também a função social.

Então, ele fazia isso e atraía o povo. O “meu padim” Padre Cícero, ainda hoje eu considero, foi santificado pelo povo, porque quem santifica, quem traz o santo aos altares são os milagres que ele pratica e ainda a aceitação geral da comunidade em que ele vive.

Por isso, o Padre Cícero não desapareceu. Ao contrário, em Juazeiro do Norte, milhões e milhões de pessoas em anos diversos lá se encontram com a mesma fé ou a mesma devoção, sentindo que o Padre, ou a memória do Padre Cícero, opera milagres. Uns tem doenças, outros sentem dificuldades na vida. Tudo isso o padre Cícero resolvia em vida e ainda hoje continua resolvendo.

Então, a avaliação de Euclides da Cunha foi equivocada?

O Padre Cícero não foi um heresiarca porque, para ser um heresiarca, precisa que a contestação dele se fizesse no plano da doutrina, o que não houve nunca. A visão do Euclides não era equivocada. Era do gênero do Euclides da Cunha projetar, de certo modo, expressões que ele considerava definitivas, características, fortes.

Era do temperamento dele, como escritor, dizer coisas como esta: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Às vezes há o sertanejo forte, mas há também o sertanejo humilhado, aquele sertanejo que vive sofrendo dificuldades na sua vida. Senti isso quando vivi no interior do Ceará, onde meu pai iniciou a carreira de magistratura.

Quem era e como era ele?

José Feliciano Augusto de Athayde. Foi o mais antigo magistrado, ele recebeu até uma medalha. Fez toda uma carreira de magistrado. Começou como promotor em Crateús, ali na vizinhança do Piauí. Depois, foi juiz substituto em Granja. Em seguida, foi juiz de Direito em São Francisco de Uruburetama, que hoje se chama Itapajé.

Passou, mais tarde, a ser juiz de Direito em São Bernardo das Ruças, por pouco tempo, seguindo para Cascavel onde ficou durante sete anos como juiz de Direito. Foi para Pacatuba, cidade muito próxima de Fortaleza. Foi procurador geral do Estado e desembargador.

Como desembargador, teve ocasiões em que serviu como interventor no Estado. Foi também presidente de comissão legislativa e presidente do Tribunal de Justiça. Meu pai era um homem de grande cultura, uma cultura muito superior à cultura do tempo naquela região. Era um pernambucano.

Morou nessas regiões todas onde seu pai trabalhou?

Sim. Exceto no tempo em que eu estive no seminário da Prainha em Fortaleza. Eu passei no seminário de 1910 a 1917.

Foi o Padre Cícero, no final do século passado, um antecipador da opção que a Igreja Católica fez em 1970, em Puebla (México), pelos pobres?

Considero que o padre Cícero não pensava exatamente na proteção dos pobres porque ele intervinha diretamente na vida política. Ele tinha um representante político, senador Borba, que até morreu no Rio de Janeiro, sendo sepultado no cemitério São João Batista.

Padre Cícero era político. O sonho dele era que o poderio religioso, o exercício do sacerdócio, deveria estender-se à comunidade para dirigí-la politicamente. Tanto que ele fez revolução e mandou um grupo invadir Fortaleza, ocasião em que expulsou Franco Rabelo com o apoio de Floro Bartolomeu, que era uma figura muito interessante.

Conheceu Floro Bartolomeu?

Conheci. Conheci no Ceará mesmo, em Fortaleza. Ele foi deputado. Naquele tempo ele era deputado, que era indicado pelo governo central. Por exemplo, Flores da Cunha, governador do rio Grande do Sul, foi deputado pelo Ceará sem nunca ter o posto o pé no Ceará.

Voltando à opção do Padre Cícero pelos pobres. Ela foi, então, de natureza política e não de natureza espiritual?

Não, não. O Padre Cícero não fez opção pelos pobres, não. Ele usava os pobres. A opção pelos pobres, fixada em Puebla, foi uma outra coisa, uma determinação de mudança da Igreja. De certo modo, desde a encíclica “Rerum Novarum”, com Leão XIII, que a Igreja passou a ser um elemento fundamental para a evolução social do mundo católico

.Ele usava os pobres, explorava a ignorância dos pobres, o Padre Cícero. Não era uma opção que dissesse: “Eu, em nome de Cristo, e por caridade, vou agora dedicar-me a criar condições melhores para a vida dos pobres”. Isso ele nunca pensou.

Mas ele não ajudava todos os pobres que apareciam no Juazeiro?

Ajudava, mas ele também tomava o dinheiro dos pobres. Ele arrecadava muito dinheiro dos pobres.

Consta que ele distribuía esse dinheiro para a própria Igreja e mandava também para o Vaticano.

Mandava para o Vaticano. Mas, a partir de certa ocasião, depois de suspenso das ordens, ele não mandou mais porque não podia exercer a função religiosa onde capta, se coleta o dinheiro, especialmente aos domingos, para mandar para o Vaticano.

Ele contribuiu para o desenvolvimento do Cariri, no Ceará, já que fez florescer a agricultura?

Acho que ele contribuiu. Contribuiu porque ele exerceu uma liderança. Mas, essa liderança era muito mais de tonalidade política do que propriamente de tonalidade religiosa. A religião dele era um instrumento de ordem política. O que ele foi, antes de tudo, foi um político. O Floro Bartolomeu explorava a região, politicamente, mas, ao mesmo tempo, era comandado por ele porque ele perderia toda a sua expressão no dia em que se desvinculasse do Padre Cícero.

Que impressão guardou do seu contato pessoal com Padre Cícero?

Eu era muito menino. Eu sentia apenas, quando eu o conheci, que os padres do seminário da Prainha, onde eu me encontrava, proibiam que nós, seminaristas, tivéssemos contato com ele.

Eram padres lazaristas franceses?

Sim. Eram lazaristas franceses, belgas e holandeses, mas formados no Seminário do Caraça, em Minas Gerais. Depois de ordenados, eram levados para os seminários e eles até exerciam o que eu chamo um certo domínio.

Através dos seminários eles formavam os padres que iam agir depois nas freguesias, tudo dentro do espírito lazarista, que era o espírito de São Vicente de Paulo. São Vicente de Paulo (não é de Paula, não) criou os missionários para formar seminários e melhorar a situação do clero que tinha chegado a um grau extremo de decadência na França.

No tempo do Padre Cícero, padres e bispos isolavam-se como elite ou tinham algum contato com o povo?

Tinham contato através do operariado. Lá em Fortaleza, por exemplo, havia uma associação que congregava os operários. Eles se reuniam uma vez por semana, no seminário, com a participação dos padres e do Barão de Studart, um homem muito importante, que eu conheci muito.

Embora eu fosse muito menino e tivesse uma impressão especial sobre a minha capacidade de eloquência, de falar e de expor idéias, eu ia às reuniões dos operários para explicar os problemas religiosos e acompanhar aquela atuação de socorro aos pobres. Tudo isso não é novidade na Igreja do Nordeste.

Então, o fato de o Padre Cícero ter se aproximado muito do povo não gerou ciúmeira no clero?

Não. Mesmo porque era arcebispo de Fortaleza dom Joaquim José Vieira, que era um homem muito esclarecido. O que eles defendiam era a autoridade, a hierarquia que é básica na Igreja, e o voto de obediência que é feito pelos padres quando são ordenados.

Chegou a ouvir, diretamente do Padre Cícero, algum relato?

Não. Eu era um menino, tinha apenas 12 anos e os padres do seminário não queriam que tivéssemos contato com ele. Não entendia a razão, mas era assim.

Que perfil humano guarda dele como lembrança?

Era uma figura afável, tipo simples e bonachão.

Ele tinha expressões carismáticas?

Não. Se o encontrasse na rua, como eu encontrei várias vezes em Paris o Ângelo Roncale, que depois foi Cardeal e Papa, dizia: “Esse sujeito não dá para nada”. Foi, depois, um renovador da vida da Igreja com o Concílio Vaticano II. O Padre Cícero também era assim. Ninguém, se o encontrasse na rua, diria: “Estou diante de um ser carismático, de homem capaz de mudar, de certo modo, a face da sociedade em que viveu”.

Padre Cícero foi um “martir da disciplina”, como escreveu o ex-arcebispo de Fortaleza, dom José Delgado?

Ele não foi um mártir da disciplina. Ele foi um homem que desafiou a disciplina e sofreu as consequências que sofrem, dentro da hierarquia católica, todos aqueles que saem da ortodoxia.

Na França sempre houve desses padres que não se acomodaram à autoridade completa da Igreja. Por exemplo, quando foi declarada, no tempo do Papa Pio IX, a infabilidade papal, a França se levantou. Muitos padres se revoltaram contra isso e aqui no Brasil o padre Diogo Feijó se levantou contra isso.

Como define a sua prática de caridade nos sertões do Cariri?

Ele praticava a caridade, mas com sentido filantrópico, o que é diferente da verdadeira caridade. A caridade é feita em nome de Deus. Segundo a epístola de Paulo apóstolo aos Coríntios, a

vida sem caridade é como um sino sem badalo, não será nada, pois a caridade é amor. Agora, a filantropia não. Esta é uma disposição puramente política, filosófica, podemos dizer, mas sem compromisso com os problemas da eternidade, do castigo ou da bem-aventurança.

Dom Hélder Câmara, arcebispo emérito do Recife, teve contato pessoal com Padre Cícero e ficou com boa impressão dele, destacando, inclusive sua figura de santidade...

Ele era afável, acolhedor. Sobre isso, o padre Azarias Sobreira tem um estudo muito judicioso enfocando o Padre Cícero. Contesta, naturalmente, a ação dele porque a contestação da Igreja Católica foi feita sempre no plano da desobediência à hierarquia católica.

Quer dizer que esses fatores de desobediência não deslustram sua figura de santidade?

Ele foi um homem santo, ao meu ver, e sua santidade continua porque, em que consiste a santidade? Consiste em o homem se desprender, de certo modo, de muitas daquelas condições de aprazimento da vida, de bem-estar, de felicidade, de prazeres, de hedonismo. Era um homem santo, ao meu ver, e sou daqueles que acham que ele deve ser consagrado, senão através da santificação dos altares dada pela Igreja Católica, mas, pelo menos, deve ser saudado como um religioso que operou e opera ainda milagres naquela região que ele dominava. “O meu padim Ciço”, como eles dizem lá, ainda hoje tem seus crentes aos milhares, que vão ao Juazeiro e recebem graças. Quem for lá contra o Padre Cícero, não perdura. Eles não permitem porque o Padre Cícero domina aquela região que um dia foi dominada pelo cangaceiro. O cangaceiro era um fenômeno regional, o banditismo regional. O sertão é assim. Defendem a construção de uma estátua de Lampião, em Serra Talhada, Pernambuco, como se ele fosse um Robin Hood, um salvador, e ele era um bandido da pior espécie, sempre a serviço dos poderosos.

Qual sua principal crítica à atuação do Padre Cícero?

Ele usava a Igreja como instrumento político e, para ter essa força de liderança, ele distribuía donativos aos pobres, ele os ajudava, que era para manter coesa em torno dele uma grande população. Mas, havia também gente na população que era contra ele e sofria perseguição. Por exemplo, Martinho Luna de Alencar, velho companheiro nosso nos Diários Associados, e que é lá de Barbalha, perto do Juazeiro, diz que foi expulso do Ceará pelo Padre Cícero.

Esse processo tenso e longo da Igreja contra o Padre Cícero serve de motivação para as romarias?

Não, não. O povo não sabe nem quem é o Papa, nem entende o poder de Roma, não entende nada disso. As romarias nunca pararam de crescer porque o povo acreditava e acredita que era um milagreiro. Havia muitos milagreiros naquele tempo. Canudos foi um desses núcleos de fanatismo dos milagreiros. Em Canudos, não havia o mesmo fanatismo de Juazeiro, era um pouco diferente. Mas, era um fanatismo de outra ordem, com influência da natureza política porque era uma contestação à República.

Padre Cícero significou uma manifestação contra a situação social de uma época?

Eu não sei se ele encarava assim, se tudo aconteceu assim, para nós que interpretamos o fenômeno social, mas enquanto o fenômeno se dava os autores e participantes dessa condição social não percebiam o que estavam fazendo. Hoje estamos procurando explicações, mas, para eles era uma ação da qual não tinham absoluta consciência de projeção e de marcha do processo, daquilo que hoje nós interpretamos.

Isso é de todas as religiões. Na religião cristã, por exemplo, tivemos os apóstolos. Esses homens iam fazendo a religião, pregando o que Cristo pregou. Mas, eles não tinham noção de todo o desenvolvimento da religião.

Mas é positivo o fato de o Padre Cícero ter sido um pregador dos Evangelhos?

Ele pregava os Evangelhos, os ensinamentos de Cristo, pregava tudo aquilo, mas de um ponto de vista que fosse acessível ao interesse político que ele desenvolvia. O que ele queria era ter o poderio carismático sobre o povo e tinha. Para isso, ele distribuía donativos, fazia milagres, mas ele não tinha consciência do papel que estava representando para a comunidade. Depois é que sua atuação passou a ser interpretada pela sociologia.

Sua liderança nos sertões do Nordeste não foi consequência da situação do povo, pobre e desamparado?

Isso não é um fenômeno que se dá somente com o povo em desamparo. Hoje mesmo, pessoas de condições financeiras até razoáveis estão fazendo no Brasil e nos Estados Unidos novas religiões. Aparecem 10, 20, 30 novas seitas. Há sempre quem vai lá, dá dinheiro e faz oferendas. É um fenômeno da humanidade, que é assim por todos os tempos e por todas as partes. Há um fanatismo no homem que se apega a certos ideais de ordem religiosa. O que é religião? É nada mais do que um laço, um laço com sentido de eternidade.

Que comparação faz entre as figuras do Padre Cícero e do Padre Ibiapina no Nordeste?

O Padre Ibiapina era muito mais esclarecido do que o Padre Cícero. Embora o Padre Cícero nunca tenha se aprofundado em teologia, estou certo de que ele leu os Evangelhos, conhecia tudo aquilo muito bem. Mas não tinha uma formação religiosa sólida e abrangente porque os seminários daquele tempo não eram dirigidos por padres capazes de fundir doutrinariamente os princípios fundamentais da religião.

O comportamento político do Padre Cícero não pode ser entendido pelo contexto da época quando a Igreja era muito vinculada ao poder político?

Sempre foi vinculado e ainda está. Veja, por exemplo, como nos dias atuais a Igreja Católica pretende intervir na vida política querendo que o estado adote posições católicas, que não são da maioria do povo, como na questão do aborto.

Mas, naquela época, a Igreja era muito mais vinculada ao Estado...

Porque o Estado pagava a Igreja, a Igreja era ligada ao Estado. Foi a República quem nos salvou, que desvinculando a Igreja do Estado, fez com que ela pudesse prosperar por si mesmo, dentro de sua independência e de seus caminhos. Por exemplo, dom Vital, em Pernambuco, tinha trinta e poucos anos e foi nomeado bispo pelo Papa. Mas, dom Vital era uma expressão diferente, compreendia a disciplina e enfrentou o Estado, enfrentou a monarquia. Por isso, foi condenado à prisão e, depois, evidentemente, posto em liberdade.

Qual sua interpretação para o fenômeno Frei Damião?

Frei Damião é uma outra coisa. Houve sempre um frade percorrendo os caminhos do Nordeste. Eu conheci um que era da província de Milão. Os frades, por se vestirem como se vestiam, andarem pelo mundo afora fazendo pregações, “desobrigas” como se chamavam naquele tempo, tiveram sempre muita influência sobre o povo. Não só sobre o povo, mas também sobre muitos políticos esclarecidos. Sei que o ex-governador de Alagoas, Arnon de Mello, acreditava e pagava promessas. E acho que esse meu Fernando Collor de Mello, também vai e paga promessas. Ele se considera um homem protegido especialmente, tem um lado de crença, um lado místico.

E o fenômeno Antonio Conselheiro?

Dão muitas razões para que ele tenha ido para Canudos e promovido lá uma revolta, que não foi promovida por ele. O Governo interveio em Canudos e foi essa intervenção que provocou a grande reação dele, do Antonio Conselheiro e do povo de

Canudos. Parece que isso vai ser melhor esclarecido agora com uns documentos que encontraram onde estão as memórias de Antonio Conselheiro.

Juazeiro do Norte, Canudos e Contestado não representam mais uma expressão de busca do messianismo em consequência da situação social do que propriamente uma manifestação de autêntica de religiosidade?

Isso não é uma característica só do Brasil. Muitas vezes, em países adiantados, em países de alta cultura social e científica, se encontra isso da mesma maneira. Pode haver organização social como da Grécia e Roma antigas, onde os sacerdotes exerciam toda aquela influência extraordinária? Gosto de lembrar o exemplo de Sócrates. Como um homem com toda aquela liberdade de espírito, de criação, um homem que deu início ao processo irônico (não se falava de ironia antes), antes de morrer, chamou seus discípulos e pediu que sacrificassem um galo porque ele tinha feito uma promessa. Sócrates e seus seguidores visitavam novas religiões. Antigamente, nunca houve lutas por causa dos deuses Os povos aceitavam os deuses vindo de qualquer origem geográfica. Eram conhecidos muitos deuses. Até que apareceu o apóstolo Paulo pregando sobre um “Deus desconhecido”. Ele falava de Cristo.

Como define o fenômeno Padre Cícero no contexto histórico e social do Brasil?

Eu avalio o Padre Cícero como um fenômeno próximo de uma sociedade como a sociedade brasileira. Mas, um fenômeno que se encontra também nas sociedades da Argentina, do Chile, de Portugal e da França. Pode haver fenômeno mais estranho do que o sebastianismo em Portugal, que ainda hoje perdura? Da mesma forma, há cultos e fenômenos parecidos na França e em outros países. São expressões da vida humana, porque o homem não pode viver sem uma ideologia religiosa. Mesmo quando é contra as religiões, ele está praticando uma ideologia, está tomando uma posição em face de um problema universal.

Do ponto de vista sociológico, é natural o crescimento permanente das romarias, como ocorre em Juazeiro?

Haverá sempre esse crescimento delas. Como em Lourdes, como em Fátima. São iniciativas em que entra um lado econômico de grande importância e evidentemente os milagres operados, como em Lourdes, que são aqueles todos de natureza nervosa. Em tudo isso, a questão de muitos é por que alguns ganham milagres e outros não? Porque não há uma posição equitativa de Deus em face da capacidade de fazer milagres, de fazer a natureza funcionar em favor de uns e não funcionar em favor de outros, curando as doenças, salvando-os das dificuldades.

Padre Cícero pode ser classificado como um mito místico?

Ele era místico também. Não se pode deixar de ser místico, mesmo quando se é mito. Há em todo homem um momento de misticismo, você, eu, qualquer homem. Eu não tenho o misticismo dos Direitos Humanos por ter assinado a Declaração dos Direitos do Homem na França? Todo homem tem seu lado místico.

Sabe algumas histórias ou curiosidades sobre o padre Cícero?

As histórias sobre o Padre Cícero são intermináveis e serão motivação inspiradora para numerosos sociólogos. À medida que a sociologia se desenvolve e que o homem procura explicar os fenômenos, cientificamente, todo o passado volta para ser reinterpretado. A minha geração interpreta muito diferente da interpretação da geração que se está seguindo e muito diferente da geração dos meus pais e dos meus avós.

Eu, por exemplo, sou bisneto de Antônio Vicente do Nascimento Feitosa, uma das grandes figuras da Revolução Praieira, em Pernambuco. Foi o chefe daquela revolução na capital pernambucana. Ele criou numerosos jornais e Nabuco, o Joaquim Nabuco, naquela sua história do Império, ele diz que o Antonio

Vicente do Nascimento Feitosa era o maior jornalista daquele tempo. E se tivesse escrito no Rio de Janeiro seria uma figura não ultrapassada por nenhum outro jornalista da atualidade.

Como soube da morte do Padre Cícero?

Eu estava no Rio de Janeiro. Soube da morte dele através dos telegramas, como soube da morte de Lampião. Aliás, eu protestei muito contra o comportamento que o Estado teve com Lampião pegando a cabeça dele. Acho que esse lado de selvageria nada constrói. mas, são fenômenos próprios de uma época, de uma mentalidade, de um instante social.

Quanto à tolerância do Padre Cícero com Lampião, sabe alguma coisa?

Havia, havia a relação entre os dois. Lampião estava, de certo modo, nas cordas políticas do padre Cícero. Ele deveria ter vinculação com o Padre Cícero, deveria ter. Como ele, Lampião também foi contra durante a revolução de Prestes, daquela caminhada de Prestes através do Brasil. Naquela revolução o Lampião figurou, até recebeu armas para combater a chamada Coluna Prestes.

A Igreja deveria beatificar ou canonizar o Padre Cícero?

Não, não deveria nunca. São duas forças contrastantes. O Padre Cícero desafiou a Igreja e venceu-a no campo de sua atividade sacerdotal. Então, não pode ser beatificado. Isso seria um erro tremendo da Igreja e um prejuízo enorme para o Padre Cícero, para os beatos, para os romeiros, para Juazeiro.

É do interesse da Igreja não intervir mais em um processo que se distancia dela cada vez mais porque cada vez mais se afirma como um processo, um fenômeno de ordem social e política. Os romeiros não são um fenômeno político, mas os políticos se servem dos romeiros para realizar seus objetivos.

Assim como Frei Damião é usado em campanhas eleitorais?

Isso mesmo. Como acontece com Frei Damião, que não morre nunca!

Existe alguma relação entre as romarias de Juazeiro e a formação cultural e religiosa do povo do Nordeste?

Não, porque os índios também têm suas romarias, seus processos rituais, suas crenças. Isso faz parte do “homo sapiens”. O homem, quando vai tomando consciência do seu poder, do seu contraste com a natureza e sempre tendo em vista dominá-la, vai criando os deuses, os mitos. É uma expressão natural, está dentro dele e dentro dos povos.

Padre Cícero se fez mito pela sua capacidade de comunicação?

Ele se comunicava muito bem com o meio onde atuava falando a linguagem do povo. O que é a vitória do homem senão a comunicação com o meio em que ele vive? Ele atuava como um político carismático, aquele que se comunica com as pessoas, as entidades, os partidos, as coligações.

Como avalia a canonização do Padre Cícero pela Igreja Católica Brasileira?

A Igreja Católica Brasileira é diferente da Igreja Católica Romana. Ele fez isso justamente para hostilizar a Igreja Católica Romana. Por ser dissidente, foi um gesto de hostilidade e, naturalmente, político, porque política existe sempre.

São as romarias ou a busca messiânica dos romeiros consequência da falta de instrução?

Não, porque há homens ilustres, reis, com grande cultura e com grande educação, que são messiânicos também. O fenômeno das romarias não têm relação com instrução.

Mas, tem relação com a pobreza?

Têm relação com a pobreza porque os pobres são muito mais fáceis de serem explorados quando procuram o atendimento de suas necessidades.

Eles buscam a utopia para realizar aquilo que não conseguem na realidade?

Exatamente.

São essas romarias no Brasil e outros lugares expressões de fanatismo?

O que se passa em Aparecida do Norte, São Paulo? Não é fanatismo religioso? Eu fiz o grande discurso de comemoração dos 100 anos de Aparecida, quando era seu bispo dom Vasconcelos Mota. Eu tenho guardado o discurso que fiz sobre aquilo. O que é aquilo?

É misticismo. Aquilo não é fanatismo? Não é messianismo? É exatamente. No Ceará mesmo, no Canindé, há missões e há fanáticos. Sujeitos que acreditam em um santo. São os indivíduos que acreditam em determinados santos. Os espíritas também não têm suas escolhas. Aquele Chico Xavier não diz que recebe inspirações, escreve livros, tudo isso?

Definiria Juazeiro, Canindé, Aparecida, Guadalupe, Lourdes, Fátima, como fenômenos socialmente iguais?

São fenômenos socialmente iguais, mas com diferenciação cultural. A cultura de Fátima é uma, a de Lourdes mais elevada. O que acontece em Aparecida é diferente do misticismo e do messianismo do interior do Ceará. A diferença é cultural. O fenômeno é o mesmo, com o homem adepto de determinada idéia tornando-se fanático por ela até quando tem uma atitude cultural superior.

O fenômeno de Juazeiro vai acabar ou continuará crescendo?

Irá sempre crescendo, não vai acabar tão cedo, não acaba.

Veja a ordem religiosa de São Bento. Não tem mais de 500 anos? Não há mosteiros por toda a parte? Aqueles homens seguindo aquele ritual rigoroso, isso é fruto de que? É fruto de uma tendência a uma vocação, um chamado específico que cada homem tem. Cada um de nós é fanático de um certo momento de sua vida.

O fanatismo é, então, uma condição natural do homem?

É uma condição natural de todo homem. Homens, mulheres, estendendo-se às sociedades, aos países, aos grupos de países. Essa idéia de ecologia que está dominando o mundo hoje, o que é. É uma nova ordem de fanatismo.

Eu acredito que a ecologia não vai mudar nada na face do mundo. O homem vai viver melhor em um certo espaço de tempo e em determinados lugares, mas não vai salvar o homem de nada, de suas condições, porque ele acaba desaparecendo como desapareceram os dinossauros.

Por falar em ecologia, o Padre Cícero condenou veementemente os desmatamentos da Amazônia...

Porque era do Ceará que saíam os homens para o Amazonas, para tentar a vida lá. Então, o Ceará sempre teve os olhos voltados para a Amazônia. A exploração daquela região interessou muito ao Ceará e especialmente ao padre Cícero porque o problema estava, de certo modo, despovoando a região que ele dominava. Então, ele procurava não estimular. Pelo contrário, procurava é mostrar os perigos para os que pensavam em se aventurar na Amazônia.

Padre Cícero era um homem com visão de futuro?

Ele tinha visão de futuro relacionada com sua capacidade carismática. Era a visão dele limitada a si mesmo. Como ele era antes de mais nada um político, que exercia liderança política, todos aqueles homens, aqueles romeiros, eram um instrumento de realização de sua obra política.

E permanece assim porque essas idéias vão evoluindo, vão se diversificando com o tempo, vão se depurando e se tornando mais viáveis. O Padre Cícero permanecerá mito mesmo quando houver mais instrução naquela região, quando houver seminários, quando houver escolas mais difundidas. Continuará o Padre Cícero porque é exatamente uma diátese do nordestino.

Pode-se imaginar uma espécie de teocracia sertaneja com o Padre Cícero?

É possível, uma teocracia sertaneja, embora o Deus dele fosse o mesmo do catolicismo romano. Ele nunca, nunca contestou os Evangelhos, mas tinha sua ação política. O Cristo, por exemplo, não foi crucificado, sacrificado, por motivos religiosos porque, ao contrário, os judeus sempre foram muito liberais.

Eles tinham os essênios que não acreditavam nem na existência de Deus e eram tolerados.

Eles tinham os samaritanos, tinham os fariseus, tinham grupos, seitas, e tudo aquilo era tolerado. Mas o Cristo foi sacrificado no momento em que transformou sua ideologia religiosa, a sua pregação, em assunto político, descendo em Jerusalém e se proclamando “Rei dos Judeus”.

De qualquer forma, foi positiva a atuação do Padre Cícero no Nordeste?

Positiva no sentido de que ele foi intérprete do seu momento durante sua vida. Soube fazer, a seu modo, a evangelização do seu grupo humano, na sua sociedade.

CONCLUSÃO

Quem foi, realmente, o Padre Cícero do Juazeiro?

Sacerdote santo? Líder carismático? Destemido revolucionário? Apóstolo da caridade? Caudilho sertanejo? Levita civilizador? Protetor dos pobres? Megalomaníaco incurável? Curandeiro de fanáticos? Religioso perseguido? Evangelizador de massas? Taumaturgo dos sertões? Místico paranóico? Líder messiânico? Condutor de lunáticos? Heresiarca assumido? Disseminador do progresso? Conselheiro dos humildes? Falso milagreiro? Mártir da disciplina? Vítima do autoritarismo?

É inacreditável, mas, tantos anos depois de sua morte, em 1934, e após numerosos estudos, pesquisas e seminários nacionais e internacionais, além de dezenas de livros com teses sobre sua personalidade, não há uma definição clara sobre a vida e a obra do Padre Cícero. O que existe em torno dele é constante e grande discussão, despertando o interesse crescente de cientistas sociais, além do Brasil, dos Estados Unidos e da Europa.

Provavelmente, em consequência direta do próprio fato extraordinário de 1889, no Juazeiro do Cariri - o fenômeno da hóstia consagrada transformada em sangue - de natureza essencialmente misteriosa e polêmica, Padre Cícero foi em vida e permanece sendo dividido entre apologistas e algozes. Seus defensores o reverenciam como apóstolo dos sertanejos e seus acusadores o agridem como apóstolo do embuste.

Visto o depoimento sincero e isento de um intelectual do porte de Austregésilo de Athayde, o saudoso presidente da Academia Brasileira de Letras, assinalando as limitações humanas e enaltecendo as virtudes espirituais do Padre Cícero, é interessante

observar como suas avaliações têm divergências e convergências com outras de renomados intelectuais.

Cinco deles, especialmente, dedicaram intensos estudos ao conhecimento da personalidade do Padre Cícero e à interpretação do fenômeno do Juazeiro, sendo hoje seus trabalhos fontes de consulta obrigatória, como o foram neste livro: Lourenço Filho (Juazeiro do Padre Cícero, 1926); Edmar Morel (Padre Cícero - O Santo do Juazeiro, 1946), Sylvio Rabello (Os Artesãos do Padre Cícero, 1967), Otacílio Anselmo (Padre Cícero - Mito e Realidade, 1968) e Ralph Della Cava (Milagre em Juazeiro, 1976). Todos, inclusive este último, como professor universitário em Nova Iorque, estiveram no Juazeiro do Cariri, entrevistando seus habitantes, pesquisando arquivos e documentando a história do Padre Cícero e do seu fenomenal movimento religioso no Nordeste.

Quando visitou Juazeiro, em 1924, Lourenço Filho, escritor da Academia Paulista de Letras, chegou preparado para enfrentar “o dominador de um ambiente de delírio”, mas, ao ser recebido pelo Padre Cícero, já nos seus 80 anos, ficou flagrantemente surpreendido e frustrado porque não encontrou a figura trepidante, agitada e grandiosa que imaginava para a sua produção literária.

Conforme suas próprias expressões, Lourenço chegou no Juazeiro pensando que iria se avistar com um tangedor de turbas, um exorcista sem par, um dominador de loucos ou um revolucionário destemeroso que tanta preocupação vinha causando às autoridades da Igreja Católica e do Estado. Seu depoimento revela uma certa decepção de intelectual ávido por um personagem que mexesse com o exercício de sua imaginação crítica e criadora.

“Era lógico haver suposto um personagem diabólico, uma figura impressionante; e estávamos, sem embargo, face a face, com um octogenário amável, quase tímido, de uma simplicidade rústica e que se acentuava no aspecto débil e na linguagem por vezes

imprecisa. Nada podia denunciar a sua conhecida psicose, senão os olhos pequeninos e movediços, de uma só expressão enigmática, como se fossem de louça, de uma indecisa, entre o pardo e o verde sujo. Esperávamos um homem e, naqueles primeiros instantes, não conseguimos entrever senão uma sombra”.(26)

Essa impressão obtida e registrada por Lourenço Filho, no seu encontro pessoal com o Padre Cícero, contém, praticamente, a mesma avaliação de Austregésilo de Athayde sobre seu primeiro contato pessoal com o sacerdote, 14 anos antes, em Fortaleza: “Era uma figura afável, tipo simples e bonachão”, resumiu Athayde. Mas, como o escritor Euclides da Cunha, que chamou o Padre Cícero de “heresiarca”, apenas para classificá-lo fortemente, sem conhecê-lo nem sua realidade, em profundidade, da mesma forma, Lourenço não se conteve e não resistiu ao sabor da crítica ácida e severa.

Em sua tentativa de demonstração lógica e procurando uma argumentação com imparcialidade, o premiado escritor acabou traído pelo próprio raciocínio em questionamentos sobre o papel do Padre Cícero. “Por que, por exemplo, não explicou, num livro, que seria fácil compor, se tivesse cultura, a sombria questão religiosa em que se envolveu? Por que não fundou uma seita?” Tais exigências de Lourenço parecem tão impróprias quanto aos exageros propositais de algozes e descabidas louvações de apologistas que descuidam da racionalidade.

Conforme está documentado para a história, durante todo o longo e perturbado processo de seu julgamento, tanto no Ceará como no Vaticano, o Padre Cícero manteve uma postura única de cautela, prudência, paciência, humildade e resignação, compatível com o seu temperamento pessoal e com sua consciência de sacerdote submetido aos ditames superiores da Igreja. Portanto, buscou os tribunais eclesiásticos adequados para sua defesa, não sentindo necessidade de escandalizar ainda mais a questão escrevendo um livro.

Quanto à hipótese de organizar uma seita sob sua liderança no Cariri seria um exercício de impossível concepção por parte do Padre Cícero. Mesmo nos momentos mais duros de sofrimento e perseguição em processo dirigido pelo episcopado cearense, ele manteve firmes e inabaláveis suas convicções de sacerdote católico, apostólico, romano, seguidor de Cristo e dos Evangelhos, absolutamente fiel ao Papa e ao Vaticano. Fundar uma seita seria romper com suas convicções religiosas, teológicas, filosóficas e ideológicas. Como observou Austregésilo de Athayde, o fundador do Juazeiro permaneceu até o fim de sua vida dentro da doutrina ortodoxa da Igreja.

Esse aspecto também é ressaltado por Edmar Morel, jornalista e escritor, que também esteve no Juazeiro, em 1945, colhendo documentos e informações para escrever a sua história do Padre Cícero, dez anos após a morte dele. Juazeiro contava, então, já com quase 50 mil habitantes e ali o escritor encontrou o cenário ainda efervescente de uma luta travada dentro da Igreja por causa da autenticidade ou não de um propalado milagre.

Morel observou que, enquanto o mandatário da Igreja Católica no Cariri, dom Quintino de Oliveira, levava uma vida de imponência no Palácio Episcopal do Crato, onde se concentrava a campanha de ódio e inveja contra o Patriarca do Juazeiro, o Padre Cícero manteve-se fiel aos seus compromissos sacerdotais. Suspenso de ordens, em batina surrada e botas empoeiradas, perseguido e humilhado, sustentou sua fé e sua espiritualidade.

Eis o relato de Morel sobre o que constatou como versão da verdade histórica: “Impossibilitado de rezar missa, assiste ao ato religioso, em meio da assistência e jamais deixa de estar presente ao Santo Ofício, muitas vezes chegando ao templo enfermo. Ele, senhor absoluto de milhões de almas e de corpos, sentado na sua

cadeira de palha, ouve o sermão dos seus colegas, muitos deles cheios de conselhos, intercalando reprovações de dom Quintino contra o fanatismo”.(27)

Como Austregésilo de Athayde, Edmar Morel descreveu o Padre Cícero como um homem influenciado por estranho e profundo misticismo, cuja crença no milagre da transformação da hóstia em sangue serviu como poder magnético para atrair e desenvolver o fanatismo. Mas, para Morel, ele foi “um sacerdote que sofreu muito, por viver no meio do seu povo, onde alcançou o apogeu, a glória do padre, do místico, do revolucionário e do político”.

Estudo amplo sobre o Padre Cícero, que consumiu oito anos de pesquisa, foi realizado pelo escritor Otacílio Anselmo. Em sua visão geral sobre o Patriarca do Juazeiro firmou-se uma figura insignificante, com anomalias psicológicas e atitudes suspeitas, desde a infância e a juventude, que se utilizou de um pretenso milagre para formar uma base de prestígio e liderança, tornando-se personalidade extraordinária na história religiosa, social e política do Nordeste.

Em assumida posição de crítico, Otacílio Anselmo fez excelente trabalho de investigação, mas, tendo consultado fontes, em sua maioria, preventivamente dispostas contra o Padre Cícero, não conseguiu se livrar da contaminação de resistências e intolerâncias dos que assumindo postura de donos da verdade, rejeitam os rótulos de apologistas e de algozes, mas acabam mesmo sendo algozes. “Criações fantásticas construíram o amontoado de lendas que fizeram de um simples cura de aldeia a figura mais famosa do Nordeste”, assegura Anselmo, classificando historiadores e biógrafos do Padre Cícero como “perfeitos fabulistas”.(28)

Em Otacílio Anselmo pode ser encontrada a exatidão da realidade histórica do Padre Cícero exposta por “acervo documental

abundante e irrefutável”, mas é também perceptível generoso acolhimento à interpretação ácida, preconceituosa e agressiva do mito Padre Cícero fundamentada em depoimentos dos seus maiores e ferrenhos adversários e críticos, sobretudo originários do Crato, que manteve longa rivalidade com Juazeiro, seu ex-distrito transformado em força hegemônica do Cariri.”

Coube a um escritor estrangeiro, membro do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, contrabalançar esses enfoques distorcidos com um estudo produzido, criteriosa e cientificamente, sem facciosismo e sem passionalismo. Com o seu “Milagre em Juazeiro”, o professor Ralph Della Cava, além de reconstituir de forma extensa e precisa a história política do Juazeiro, avalia o fenômeno religioso do Padre Cícero como aspecto importante e expressivo da história social brasileira.(29)

Ao contrário de Lourenço Filho, de Otacílio Anselmo e de outros autores, em estudos anteriores, que sempre procuraram atribuir à personalidade do Padre Cícero o desenvolvimento do fanatismo religioso, Della Cava, analisando como cientista e despojado de paixão, identificou no caso do Juazeiro os conflitos entre a sociedade sertaneja e a sociedade civilizada dos grandes centros urbanos, dentro da ordem ou da desordem social brasileira.

Além de despertar uma revisão de velhas interpretações sobre a história do Juazeiro, Della Cava conseguiu, também, uma avaliação segura sobre o Padre Cícero, considerando-o “indiscutivelmente devoto, humilde e virtuoso”. Para o escritor, “a integridade e o sentimento religioso do Padre Cícero, como sacerdote, estavam acima de qualquer censura”.

Essa conclusão do professor universitário de Nova Iorque segue a opinião do professor universitário do Recife, Sylvio Rabello, da Universidade Federal de Pernambuco e do Instituto

Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Em seu prestigiado trabalho “Os Artesãos do Padre Cícero”, aplaudido pelo inesquecível sociólogo e escritor Gilberto Freyre, Rabello ressalta a influência do sacerdote na transformação do Juazeiro e do Cariri.

“O Padre Cícero conduziu o seu rebanho como um autêntico servo da Igreja”, garante Rabello, fazendo questão de reproduzir pensamento de outro pesquisador e escritor, Abelardo Montenegro: “Simples, bonacheirão, desprendido, de costumes austeros, praticando diariamente a verdadeira caridade cristã, exercendo infatigavelmente o seu apostolado á custo de ingentes sacrifícios, o Padre Cícero constituiu algo diferente na paisagem social e religiosa do sul cearense, contrastando, de modo flagrante, com outros sacerdotes que viviam patriarcalmente, alguns deles em mau cheiro de mancebia”.(30)

Sobre toda a polêmica que se gerou em torno do milagre público no Juazeiro e suas implicações doutrinárias, Della Cava sustenta que, sem dúvida, a fama do Padre Cícero, “sacerdote piedoso e cumpridor de seus deveres”, concorreu para a credibilidade do acontecimento. Entretanto, garante, coube aos padres do Cariri e principalmente ao prestigiado reitor do Seminário do Crato, monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, “o papel mais importante na divulgação e na justificação da crença popular no milagre”.

Segundo o professor da Universidade de Colúmbia, embora tenha se tornado uma figura política nacional, a partir de 1911, quando assumiu o cargo de prefeito do Juazeiro, exercendo extraordinário poder no Nordeste, “Padre Cícero passou a concentrar suas energias no único e fixo objetivo de reaver o exercício de suas ordens eclesiásticas” suspensas desde 1892. Foi essa a sua grande esperança até os últimos dias de sua vida atormentada pela questão religiosa, que fugiu inteiramente ao seu controle, sendo ele, involuntariamente, o principal protagonista.

Como o mestre Athayde, que analisou o fenômeno do Juazeiro não exclusivamente como um movimento messiânico ou milenarista, Della Cava encontrou explicações para o controverso caso do Padre Cícero nas ligações do movimento religioso popular com a política, dentro das circunstâncias históricas do Nordeste e da realidade social no Brasil. Della Cava reforçou sua análise destacando o impacto do movimento religioso e político que transformou Juazeiro num dos principais centros comerciais e industriais do interior do Nordeste, graças ao carisma e ao magnetismo do Padre Cícero.

Conhecido hoje mundialmente e sendo estudado, inclusive, em centros universitários da Europa e dos Estados Unidos, o legendário levita dos sertões permanece sendo o que Morel extraiu do autor de “O Patriarca do Juazeiro”, padre Azarias Sobreiras, que conviveu com o sacerdote:

“O Padre Cícero é um cruciante ponto de interrogação para quase todo o mundo. Nem mesmo os que privaram com ele e com ele viveram, puderam jamais decifrar, inteiramente, sua psiquê, penetrar no âmago de sua mentalidade, tocar as raízes de sua ímpar atuação. Mutatis mutandis, foi ele, perenemente, um objeto de contradição, não somente na região nativa, onde passou toda a vida pública, porém ainda alhures, onde chegou a repercussão do seu nome. Nele se encontravam as marcas mais disparatadas que costumam assinalar as grandes personalidades”.

Aliás, foi ao padre Azarias que o Padre Cícero confiou um dos segredos do seu coração angustiado e triste. Disse, em documento escrito e assinado, que sua condenação resultou do modo como fizeram o processo no Ceará, impossibilitando que as autoridades de Roma julgassem de outra forma. Lembrou o caso de Joana D´Arc, queimada viva em uma fogueira como relapsa e anos depois reabilitada pela Igreja. Garantiu mesmo que subornaram testemunhas para que dispusessem contrariamente ao fato extraordinário do Juazeiro. ⁽³¹⁾

Pela sua importância na história religiosa, social e política do Nordeste, com projeção nacional, o Padre Cícero precisa, até mesmo para atender aos interesses da eclesiologia no Brasil, ser alvo de um estudo sério, profundo e honesto da Igreja Católica, com abrangência histórica, sociológica e teológica. Sem receios de ter que reconsiderar julgamentos ou de proclamar verdades, mas com objetivo de conhecimento, esclarecimento ou reconhecimento.

É o que falta, como reação e ação concretas da Igreja Católica ao fenômeno do Juazeiro, que não deve ser tratado como expressão de dissidência mas como manifestação autêntica do catolicismo popular. Que não haja beatificação ou canonização, como Austregésilo de Athayde disse acreditar que nunca haverá, é compreensível pelo que isso impõe de complexidade. Mas, o silêncio, a indiferença e o distanciamento da Igreja, hoje como no passado, apenas estimulam e ampliam a polêmica, além de representarem um solene desprezo aos sentimentos e crenças de milhares de brasileiros que, ao longo de cada ano todos os anos, se deslocam em peregrinação ao Juazeiro do Cariri.

“Todo o dinheiro que me foram e continuam a ser dados, como ofertas a mim unicamente, os tenho distribuído em atos de caridade que estão no conhecimento de todos, bem como em grandes e vantajosas obras de agricultura, cujo resultado ora deixo, na maior parte, para a benemérita e santa congregação dos Salesianos, a fim de que ela funde, aqui no Juazeiro, os seus colégios de educação para crianças de ambos os sexos. Estou certo, não só porque conheço a índole deste povo aqui domiciliado, assim como das populações sertanejas que aqui frequentam e que por meio dos bons conselhos tenho educado na prática do bem e do amor a Deus, que todos os romeiros aqui domiciliados ou de pontos distantes, como prova de estima e amizade a mim e em louvor e honra à Virgem Mãe de Deus, continuarão a frequentar este meu amado Juazeiro com a mesma assiduidade e auxiliarão aos beneméritos padres salesianos, como se fossem a mim próprio, para manutenção aqui de sua obra de caridade cristã.”

Declaro, outrossim, que os dinheiros que tenho recebido para celebrar missas, conforme intenção das pessoas que mo têm dado, os tenho distribuído com o maior critério, por intermédio dos padres e vigários desta e de outras Dioceses e de algumas instituições religiosas do País e do estrangeiro. E os dinheiros que me têm sido entregues para eu aplicar como entendesse e quisesse, na intenção, louvor e honra de Nossa Senhora das Dores, sem nenhuma outra contradição, do mesmo modo os tenho aplicado, com muita consciência, em atos de caridade, em auxílios a obras e instituições pias e em bens que ora deixo para Nossa Senhora das Dores, padroeira desta matriz e para a santa Congregação dos Salesianos”.(32)

PADRE CÍCERO
Testamento
Juazeiro – 1934

BIBLIOGRAFIA

- 01) - SILVA, Antenor Andrade. Cartas do Padre Cícero. Salvador, E.P.Salesianas, 1982.
- 02) - ATHAYDE, Austregésilo. Fora da Imprensa. Rio de Janeiro, Editora O Cruzeiro, 1948.
- 03) - FLEUR, Melvin. Teoria da Comunicação de Massa. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- 04) - TONNIES, Ferdinand. Community and Society. Trad. de Charles Loomis. Nova Iorque, Haper, 1963
- 05) - HESSE, Hermann. Para ler e pensar. Trad. de Belchior Cornélio Silva. Rio de Janeiro, Record, 1971.
- 06) - FREYRE, Gilberto. Como e porque sou e não sou sociólogo. Brasília, Editora UnB, 1968.
- 07) - FILHO, Lourenço. Juazeiro do Padre Cícero. São Paulo, Melhoramentos, 1926.
- 08) - FREYRE, Gilberto. Insurgências e ressurgências atuais, Rio, Globo; 1983.
- 09) - GASSET, Ortega Y - A Rebelião das Massas. Trad. de Herrera Filho. Rio de Janeiro, Livro Ibero-Americano, 1971.
- 10) - VORVELEYN, Joseph. Anais do 1º Simpósio Internacional sobre Padre Cícero e os romeiros de Juazeiro. Fortaleza, Ed. UFC, 1988.
- 11) - HOFFER, Eric. The True Believer. Nova Yorque, New American Library, 1951.
- 12) - BRAGA, Rubem e outros. Elenco de Cronistas Modernos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- 13) - SOBREIRA, Azarias. O Patriarca de Juazeiro. Juazeiro do Norte, 1969.
- 14) - ANSELMO, Otacílio. Padre Cícero - Mito e Realidade, Rio, Civilização Brasileira, 1968.
- 15) - FEITOSA, Neri. O Padre Cícero e a opção pelos pobres. São Paulo, Paulinas, 1984.

- 16) - MOREL, Edmar. Padre Cícero, o Santo de Juazeiro. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1946.
- 17) - CAVA, Ralph Della. Milagre em Juazeiro. Rio, Paz e Terra, 1976.
- 18) - MENEZES, Fátima e Generosa Alencar. Homens e Fatos da História do Juazeiro. Recife, Ed. Universitária, 1989.
- 19) - XAVIER, Amália. O padre Cícero que eu conheci. Recife, Massangana, 1982.
- 20) - CAVA, Ralph Della. Op. Cit.
- 21) - BARBOSA, Geraldo Menezes. História do Padre Cícero ao alcance de todos. Juazeiro do Norte, Edições ICVC, 1992.
- 22) - ALENCAR, Generosa e Fátima Menezes. Dossiê Confidencial. Padre Cícero e Floro Bartolomeu. Brasília, 1995.
- 23) - ATHAYDE, Austregésilo. Op. Cit.
- 24) - O Globo, Rio de Janeiro, 14-15/09/1993
- 25) - Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14-15/09/1993.
- 26) - FILHO, Lourenço. Op. Cit.:
- 27) - MOREL, Edmar. Op. Cit.
- 28) - ANSELMO, Otacílio. Op. Cit.
- 29) - CAVA, Ralph Della. Op. Cit.
- 30) - RABELLO, Sylvio. Os Artesãos do Padre Cícero. Brasília, MEC; Recife, IJNPS, 1967.
- 31) - SOBREIRA, Azarias. Op. Cit
- 32) - SILVA, Andrade Silva. Op. Cit

Fatorama
Brasília-DF
061-368.3482